



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



JARDINS DE TELA

JAZZ EM AGOSTO: 25ª EDIÇÃO
WALTERCIO CALDAS NO CENTRO DE ARTE MODERNA
NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA: O UNIVERSO

ÍNDICE

ACTUALIDADE

REINSERÇÃO PELA ARTE DE JOVENS EM RISCO	2
TÃO LONGE, TÃO PERTO: REDESCOBRIR UMA IDENTIDADE.....	4
JARDINS DE TELA	7
DESNORTE	10
WALTERCIO CALDAS	11
WELTLITERATUR – A LITERATURA EXPÕE-SE?.....	12
DRAWING A TENSION – OBRAS DA COLECÇÃO DEUTSCHE BANK	12
OS MELHORES CARTOONS DE IMPRENSA EM PARIS.....	13
O TAPETE VOADOR.....	13
ORQUESTRA JUVENIL GERAÇÃO PARA COMBATER A EXCLUSÃO SOCIAL.....	14
BIOINFORMÁTICA NAS ESCOLAS – UM PROJECTO-PILOTO DO IGC	15
NA FRONTEIRA DO UNIVERSO: EM BUSCA DO FIM DA IDADE DAS TREVAS	16

DESTAQUE

JAZZ EM AGOSTO 2008 – EXTENSÕES	20
---------------------------------------	----

BREVES

SEGUNDA EDIÇÃO DOS PRÉMIOS GULBENKIAN	24
FUNDAÇÕES PORTUGUESAS DEBATEM A INTERCULTURALIDADE.....	24
COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.....	24
FÓRUM GULBENKIAN MIGRAÇÕES.....	25
ENVELHECER COM QUALIDADE.....	25
HOMENAGEM A SOLANGE PARVAUX	26
MÚSICA PORTUGUESA EM PARIS.....	26

LIVROS

PHILANTHROPY IN EUROPE	27
PESSOA, L'INTRANQUILLE.....	27
INSTRUMENTOS MUSICAIS.....	27

UM ROSTO DAS BELAS-ARTES

MAFALDA SANTOS	28
----------------------	----

UM ROSTO DA BIOLOGIA

LEONOR FLEMING.....	29
---------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

PEAU-BRUNE – FRANÇOIS-LOUIS SCHMIED	30
---	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

STERNENFALL – CHUTE D'ÉTOILES.....	31
------------------------------------	----

UMA OBRA DO CENTRO DE ARTE MODERNA

MIGUEL PALMA – CEMITERRA-GERATERRA	32
--	----

AGENDA	33
--------------	----

NEWSLETTER Nº 95. JULHO. AGOSTO. 2008

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27

info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | Tânia Reis [DDLX]

IMPRESSÃO Euroscanner

TRAGEM 12 000 exemplares

FOTO DE CAPA Paulo Costa



© Tecer a Cidade, Centro Educativo Navarro de Paiva (Benfica)

ACTUALIDADE

REINSERÇÃO PELA ARTE DE JOVENS EM RISCO

Reinserção pela Arte é o nome de um projecto do Serviço de Educação e Bolsas (FCG) que se estendeu por três anos e que abrangeu dezenas de adolescentes em três centros educativos da região de Lisboa, procurando iniciá-los em diferentes práticas artísticas. O projecto baseia-se num modelo semelhante de abordagem a novas estratégias educativas, que já tinha sido desenvolvido no Reino Unido, pressupondo que a arte pode abrir portas a competências que facilitem a reinserção social. Vários criadores participaram no projecto, organizando diferentes actividades e *workshops*. Jorge Barreto Xavier, nomeado director-geral das Artes em Abril deste ano, foi quem concebeu e implementou o programa para o ano lectivo 2007-2008. Chamou-lhe Tecer a Cidade, na perspectiva de que o tempo de trabalho nos centros educativos pode ser um tempo de planeamento e construção urbana. Porque reinserção implica voltar a viver na cidade.

TEMPO DE CONSTRUÇÃO

Junho de 2008. O relógio marca quatro horas de uma tarde cheia de sol e calor. No pátio do Centro Educativo Navarro de Paiva, em Benfica, está um grupo de seis jovens, rapazes entre os 15 e os 18 anos, que a equipa de formadores e monitores tem vindo a acompanhar. (A ala das raparigas só existe no centro desde Novembro de 2007 e não chegamos a vê-las.) A dupla de arquitectos António Louro e José Nisa (Moovlab) chega, envergando fatos-macaco, para a última sessão de uma intervenção criativa sobre o espaço, estimulando a contribuição dos educandos para a requalificação da área exterior do Centro. Adivinhamos facilmente que antes do início deste trabalho, os muros e as bancadas teriam cores mais institucionais e menos sugestivas. Agora distribuem-se em tons de azul e linhas amarelas. O calor aperta e ninguém parece muito disposto a pegar nos rolos e nos pincéis, misturar a tinta... No entanto, a pouco e pouco, todos se mobilizam. Há um trabalho colectivo para acabar. Em Outubro do ano passado, começou com uma primeira actividade que consistia no reconhecimento do espaço que rodeia estes jovens e na construção de maquetas, que estarão agora em exposição na Ordem dos Arquitectos, de 9 a 31 de Julho. Em módulos sucessivos, houve também fotografia com orientação do MEF (Movimento de Expressão Fotográfica), escrita com os actores Tiago Rodrigues e Cláudia Gaiolas, movimento com Madalena Victorino, e realização de filmes com os Filhos de Lumière, Teresa Garcia e José Lã Correia. Nos centros em regime aberto (Benfica e Belavista), os adolescentes visitaram ainda exposições de artes plásticas, acompanhados pelos monitores do projecto Tecer a Cidade.

OS LIMITES

Todos os rapazes são tratados pelo nome próprio e não se admitem alcunhas. O que quer que tenha acontecido lá fora não tem continuidade aqui no centro. O ambiente é descontraído, no pátio conversa-se enquanto se pinta, uma vez por outra ouvem-se provocações dentro do grupo (típicas da idade) e há alguém que se ocupa da aparelhagem de música ao pé da piscina, a tocar Kizomba. Mas tudo controlado. Esse é o grande desafio na reeducação destes jovens: trabalhar a noção de limite no contacto com “o outro”, de acordo com a coordenadora da equipa de programas do Centro Navarro de Paiva. Perceber os limites internos e, finalmente, os externos, quando for altura de voltar à cidade. Espreitamos as respostas ao questionário feito aos rapazes sobre as actividades em que participaram no ano lectivo que agora termina. As impressões são em geral favoráveis, bem-comportadas, e não falta até alguma visão crítica. Dois ou três rapazes afirmam que “as paredes deviam ter sido rebocadas antes da pintura”. Outro deles escreve: “Obrigado por este projecto. Fez-me *muita* bem.” ■



© Tecer a Cidade, Centro Educativo da Belavista, com Madalena Victorino



© Tecer a Cidade, Centro Educativo Padre António Oliveira (Caxias)

No dia 24 de Setembro realiza-se na Fundação Calouste Gulbenkian uma conferência internacional que, partindo do projecto Reinserção pela Arte, dará espaço para reflectir sobre práticas artísticas em ambiente de detenção de jovens. Posteriormente, será publicado um relatório com os resultados obtidos a partir do trabalho que o programa Tecer a Cidade desenvolveu.



"Os Herero da Namíbia", de Vincent Maloi (África do Sul)

TÃO LONGE, TÃO PERTO

REDESCOBRIR UMA IDENTIDADE

O Programa Gulbenkian Distância e Proximidade convidou vinte realizadores de diferentes continentes a fazerem, cada um, uma curta-metragem que reflectisse a sua visão pessoal sobre um objecto ou prática cultural do quotidiano, revelando a história que lhes deu origem. Os primeiros oito filmes que resultam do projecto Tão Longe, Tão Perto serão apresentados a 5 de Julho, às 22h, no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian. Luís Correia, da LxFilmes, foi o produtor responsável pelas curtas-metragens e conta nesta entrevista o que vamos poder ver.

COMO É QUE ESTA PROPOSTA FOI APRESENTADA AOS REALIZADORES?

Quando o António Pinto Ribeiro [programador de Distância e Proximidade] me deu a ler o texto geral sobre a programação, o que mais me interessou e entusiasmou foi a relação com experiências que tenho tido ultimamente com o programa de formação Africa Doc, destinado a cineastas e produtores independentes dos países africanos de línguas portuguesa e francesa. Uma situação que tem sido muito flagrante é que a maior parte dos participantes, para não

dizer todos, apresenta sempre ideias que têm a ver com questões de identidade, como se as novas gerações não tivessem memória do passado. Sentem uma grande necessidade de procurar raízes para construir uma identidade. Portanto, estas questões relacionadas com a memória e o nacionalismo são muito prementes e actuais. Tudo isto anda à volta de símbolos colectivos que supostamente representam a “verdadeira” identidade. E que vão mais no sentido da exclusão, do que da inclusão.

No nosso quotidiano somos confrontados a todo o momento com objectos, práticas ou outras coisas imateriais que assumimos como prova da nossa nacionalidade. Mas, se observarmos bem, de repente descobrimos que estas coisas têm segredos no armário... Um bom exemplo é o filme [ainda não finalizado] do realizador indiano, Rakesh Sharma, que é uma pessoa bastante activa politicamente e que faz filmes muito incisivos. Aliás, tem tido alguns problemas por causa dessa visão acutilante da sociedade. A base do projecto dele é a tensão política que se vive actualmente na Índia, com a ala mais nacionalista a assumir um discurso extremista perigoso. Ora uma das coisas que normalmente funciona como prova da verdadeira cultura indiana, como em todos os países, de resto, é a gastronomia. Mas, paradoxalmente, o que o realizador propõe é pegar num prato típico indiano, ou que é percepcionado como tal, e mostrar que os ingredientes vêm todos de fora da Índia. Desde o tomate e a batata, que os portugueses levaram, até às especiarias, vindas da Turquia ou do Uzbequistão. Faz-se assim a desconstrução de um prato que serve como bandeira cultural, desmontando essa pureza cultural. Em todos os países, os objectos ou as práticas culturais do quotidiano acabam por ser o resultado de uma assimilação de muitos séculos e de muitas viagens. Foi com base neste princípio que se fez a proposta aos vinte realizadores.

QUAL O CRITÉRIO PARA REUNIR ESTE GRUPO DE REALIZADORES?

Começámos por contactar realizadores cujo trabalho já era conhecido por nós, realizadores com capacidade para se adaptarem a um formato que não é muito convencional ou óbvio, porque cada filme tem apenas cinco minutos, o que é uma duração difícil. Não dá para desenvolver muito uma história, não há tempo para caracterizar personagens do ponto de vista psicológico. O perigo era acabarmos por ter uma colecção de pequenas fichas de curiosidades, que não fossem filmes de autor. Não queríamos isso. Era preciso encontrar um equilíbrio entre a expressão individual do realizador e o nosso conceito, que pudesse resultar numa surpresa interessante. Outra preocupação era que os realizadores não estivessem concentrados num único continente e, para chegarmos a alguns que trabalham em países mais distantes, servimo-nos de uma rede de contactos, referências cruzadas, com a colaboração de programadores



“Namban Japan”, de André Godinho (Portugal)

de festivais internacionais. Tem sido um processo de muita comunicação e diálogo, embora os realizadores tenham inteira liberdade, do ponto de vista formal, para tratar o tema de forma mais documental ou ficcional, desde que respeitem o pressuposto de que seja revelada uma memória ou identidade perdida.

O QUE PODEMOS ESPERAR DESTE PRIMEIRO CONJUNTO DE OITO CURTAS-METRAGENS?

Dos vinte filmes encomendados, vamos exhibir oito, já finalizados, quatro dos quais são portugueses, e os outros quatro estrangeiros. Tentámos ser rigorosos com a duração de cada filme, cerca de cinco minutos, para que houvesse unidade. Todos eles têm um cartão no fim que ajuda a explicar a razão da escolha do objecto respectivo. Assim, em vez de estarem preocupados durante o filme a explicar a história do objecto, ficaram mais livres para tratar cinematograficamente o tema. Neste primeiro grupo há filmes mais ficcionais, outros mais documentais, e também alguns um pouco experimentais, que não se enquadram em nenhuma das categorias anteriores.

O filme do André Godinho tem a ver com a relação entre Portugal e o Japão, e com o facto de os portugueses terem levado o pão-de-ló para o Japão, dando origem a um bolo chamado Kasutera, que é diferente na maneira de ser consumido, é uma prática ritualizada. Não é um filme muito descritivo, nem didáctico, é quase uma instalação. O filme do Rui Xavier tem a ver com o chá, que veio do Oriente para Portugal e daqui para a Inglaterra, como dote de casamento. Tornou-se uma bebida típica. E o realizador faz uma ficção



"A Burka Vermelha", de Roxana Pope (Irão)

que recria estes três universos à volta do chá, reagrupando-os. O filme do Tiago Hespanha é centrado na história do ukulele, o instrumento musical do Havai, que remonta ao nosso cavaquinho, tradicionalmente português. Quando um grupo de madeirenses o levou em viagem para o Havai, os locais ficaram fascinados com o som e o ritmo e chamaram-lhe "ukelele", que significa "pulga saltitante"... É um filme narrado na primeira pessoa e passa-se numa oficina, com construtores de cavaquinho do Norte, em Braga. Ainda dentro do grupo de portugueses, temos a Margarida Cardoso, cujo filme é o único que trata de um objecto imaterial: a miscigenação, como consequência das viagens e dos movimentos. No final do século XIX, um nobre francês que fugiu de França, por algum crime que cometeu, chegou à ilha do Fogo, em Cabo Verde. Casou e subiu para o vulcão, onde fundou uma aldeia dentro da cratera, Chã das Caldeiras. Teve imensa descendência e naquela ilha tudo tem o nome dele: Montrond. Os habitantes têm a pele escura, mas são loiros e de olhos verdes. Quase que se criou uma nova "raça". E há pouco tempo lemos nos jornais que morreu um Montrond na guerra do Afeganistão! Era um descendente que tinha emigrado para os Estados Unidos. O filme da iraniana Roxana Pope, *A Burka Vermelha*, fala sobre o uso de máscaras, que normalmente associamos a questões de religião ou de opressão, a uma série de ideias preconcebidas. Na prática, estas máscaras são usadas como adereços para que as mulheres fiquem mais belas. Não é uma obrigatoriedade. Há uma lenda que diz que as mulheres começaram a usar estas máscaras há muitos séculos atrás, para se confundirem com a paisagem e parecerem pássaros, escapando aos estrangeiros e aos invasores.

E acabamos por descobrir outra coisa fantástica: quando Marco Polo foi para o Extremo Oriente, ficou fascinado com estas máscaras e trouxe-as de volta consigo. São estas máscaras que estão na origem do Carnaval de Veneza. Já o filme do realizador sul-africano Vincent Maloi foi rodado na Namíbia, onde se encontram as mulheres de etnia Herero que vestem umas roupas bizarras, parecem trajes vitorianos... Quando os alemães colonizaram a região, obrigaram as mulheres a vestirem-se de acordo com o que era considerado apropriado na altura, embora as roupas europeias não fizessem o menor sentido à beira do deserto. Passados todos os dramas do colonialismo, as mulheres apropriaram-se desses objectos e hoje usam as roupas com orgulho. Deixaram de ser um símbolo de submissão. O filme do croata Dan Oki vai à descoberta da origem da gravata, que vem de uma tradição em que as namoradas enrolavam um tecido à volta do pescoço dos soldados, antes de eles irem para a guerra. Passou a fazer parte da farda militar e a corte francesa, fascinada, transformou em moda o acessório "à la croate", dando origem a uma nova



"A Tradição do Trompete", de Svetlana & Zoran Popović (Sérvia)

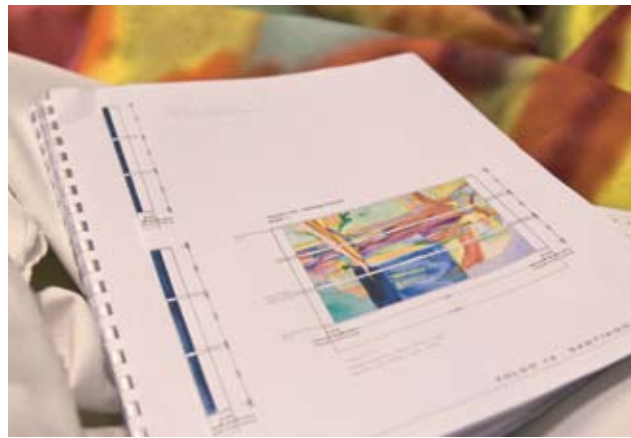
palavra: "cravate". Por último, temos o filme da dupla sérvia Svetlana & Zoran Popović sobre os instrumentos de sopro, que só apareceram na Sérvia depois do fim da ocupação do Império Otomano. Foi num momento em que o duque da Sérvia tentou fazer uma aproximação cultural à Europa. Uma das iniciativas foi convidar um músico austríaco, que também era maestro, para tocar na Sérvia. Ele levou o trompete e criou a primeira orquestra sérvia com instrumentos de sopro, em 1831. O impacto foi tal que transformou completamente a música sérvia. Actualmente temos uma ideia da Sérvia através da música, pelos filmes do Kusturica, porque se tornou um símbolo nacional. Não se trata de um objecto que perde a identidade, mas sim de um objecto que transforma a identidade local. ■



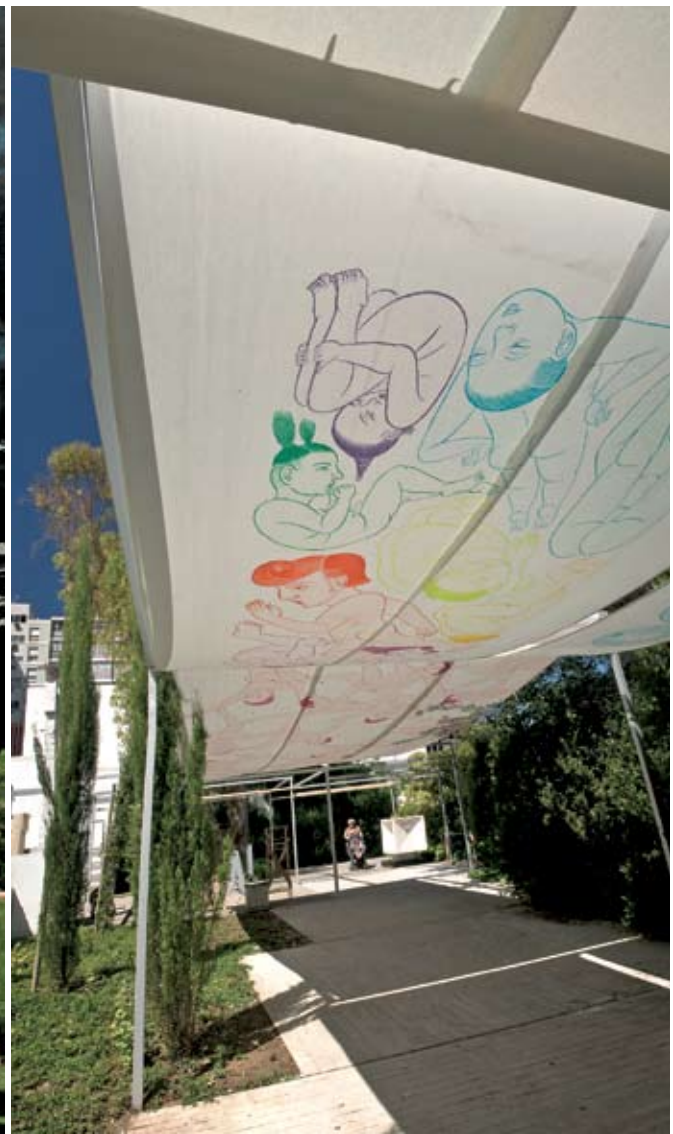
JARDINS DE TELA

Catorze artistas, de várias origens e nacionalidades, foram convidados pelo Programa Gulbenkian Distância e Proximidade a deixarem a sua marca, numa instalação destinada ao Jardim Gulbenkian. São eles: António Sérgio Moreira (Belo Horizonte), Celestino Mudaulane (Maputo), Francisco Vidal (Lisboa), Gabi Jiménez (Marines), Hakam Gursoytrak (Istambul), Kenya Evans (Houston), Marisa Vinha (Lisboa), Uiu (Barcelona), Philomena Francis (Londres), Rosana Paulino (São Paulo), Santiago Cucullu (Milwaulkee), Sergio Vega (Gainesville), Yonamine (Luanda) e Wilson Shieh (Hong Kong).

A concepção, estampagem, costura e montagem desta arte inscrita em telas de toldos demorou alguns meses; neste trabalho de fotografia de **Paulo Costa** podemos ver o trabalho de costura (Eugénia Tomás e Maria de Jesus Barradas), mas também a montagem e instalação final. ▶









DESNORTE

UM PROJECTO DE SUSANA ANÁGUA

19 de Julho a 26 de Outubro | CAM, Sala de Exposições Temporárias

Ideias como a da perda de referências espaciais e a do esforço da sua recuperação estão na origem da proposta artística de Susana Anágua. Num dos vídeos que vai apresentar na Sala de Exposições Temporárias do Centro de Arte Moderna, no âmbito da exposição Desnorte, comissariada por Leonor Nazaré, assistimos à experiência de um insecto em tentativa de reconhecimento de um espaço inóspito – uma folha branca – e em busca do seu caminho para a Natureza. Num outro vídeo, o radar do aeroporto de Lisboa roda ininterruptamente sinalizando e procurando coordenadas. Numa terceira obra, um grande painel de bússolas confunde o espectador: um campo magnético de ímanes artificiais sujeita os ponteiros a movimentos descontrolados, fazendo-os perder a sua funcionalidade e exibir essa transgressão da lei magnética polar.

Numa entrevista publicada pela revista *ARQ./A*, Susana Anágua refere que é levada a associar, por analogia, conceitos da física a ideias e lógicas comportamentais sociais. E que, por exemplo, quando utilizou 600 bússolas reunidas numa caixa metálica numa obra recente que está na origem do

painel agora apresentado, “cada bússola funcionava como metáfora de um sujeito. Cada uma seria um indivíduo preso num sistema de orientação espacial circular que, perdido numa multidão, não consegue achar o seu norte, ou seja o seu caminho”.

Mais adiante, a propósito de um trabalho exposto na última Feira de Arte Contemporânea de Lisboa, afirma que lhe interessaram as energias produzidas através de fenómenos naturais nos campos dos geradores eólicos e que daí partiu para um conceito de “catástrofe romântica, pela qual a Natureza e o Homem medem forças energéticas, num braço de ferro entre dois”.

Susana Anágua nasceu em 1976. Concluiu o Curso avançado do Centro de Arte e Comunicação Visual Ar.Co, Lisboa (1995-2000) e a Licenciatura em Artes Plásticas na Escola Superior Tecnológica, Gestão, Arte e Design (ESTGAD), Caldas da Rainha (1998-2004). Em 2003-2004 realiza um Workshop de Documentário Audiovisual com Vasco Albuquerque e Nuno Lisboa na Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha. ■

HORIZONTE WALTERCIO CALDAS

19 de Julho a 7 de Dezembro | CAM, piso 0



Numa entrevista feita em 2001 ao artista brasileiro Waltercio Caldas, com o sugestivo título *O Ateliê Transparente*, Marília Andrés Ribeiro retoma a ideia do professor e crítico de arte Paulo Sérgio Duarte sobre a existência de uma visibilidade reflexiva, situando a obra de Waltercio Caldas entre o ver e o pensar.

Trata-se de uma metáfora adequada de aproximação ao trabalho de Waltercio Caldas, em que as fronteiras entre a matéria, ou melhor dizendo as matérias, e a ideia é permanentemente posta em causa e refeita. O contrário revela idêntica adequação podendo-se dizer que a ideia é permanentemente ameaçada pelos materiais, como se estes procurassem teimosamente ganhar sempre novas propriedades e qualidades. Um passo da resposta de Waltercio Caldas é exemplar. Diz: “... e acho que ele tem razão [referindo ainda Paulo Sérgio Duarte], meu trabalho poderia ser resumido em duas partes. Uma delas dividida em fracções descontínuas que são os objectos, os livros, os desenhos, as esculturas. A outra parte seria o fluxo contínuo, quase invisível, que age no espaço entre as esculturas e os objectos, modificando e resignificando esses objectos. Esta lacuna, esta ‘actividade’ entre os objectos, seria tão importante para a minha poética quanto os próprios objectos.”

A obra de Waltercio Caldas mostra sempre este carácter de “leveza” e de transformação, como se o seu carácter material possuísse uma propensão natural ou talento inato para a modificação e os seus sentidos e significados o acompanhassem sempre.

Entre a escultura, a instalação e o desenho, a obra de Waltercio Caldas não é fácil de incluir em categorias claras,

de tal forma este seu carácter multiforme lhe é constante, como se os desenhos quisessem estar num espaço tridimensional, as esculturas quisessem tornar-se formas arquetípicas e as instalações viver em outros mundos para lá do da arte. Esta vida ou circulação que “age no espaço entre...” é o modo da sua arte.

Como refere a curadora e crítica de arte Ligia Canongia, “embora o trabalho de Waltercio Caldas possua uma lógica irrefutável, essa lógica não é reconhecível por simples encadeamento cronológico, mas através de relações que se entrelaçam em tempos distintos, ora avançando, ora recuando, em processo de recorrência interior permanente”.

Na vida e na obra do artista, o livro tem um papel fundamental e estruturante. Waltercio é um coleccionador compulsivo de livros de artista e igualmente um constante fazedor. O livro torna-se, na sua obra, uma presença tão essencial quanto a das outras formas, mas também aqui o timbre da transposição está presente: eles são também salas de exposição com os seus espaços próprios e arrumações.

A exposição que é inaugurada no dia 18 de Julho vai ocupar o espaço da maior nave do Centro de Arte Moderna, até 7 de Dezembro.

Nascido no Rio de Janeiro, em 1946, Waltercio Caldas estudou arte com Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e iniciou, nos finais dos anos 60, uma obra plástica que o tornou um dos artistas brasileiros mais presentes no panorama artístico internacional. Representou o Brasil na XLVII Bienal de Veneza, 1997, onde apresentou a série *Veneza*. Em 2004, ganhou o grande prémio da Bienal da Coreia do Sul, com a instalação *O Ar Mais Próximo*. ■

DRAWING A TENSION

OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK

Até 7 de Setembro | Galeria de Exposições Temporárias da Sede



inaugurada a 2 de Junho, a exposição mostra trabalhos de artistas modernos e contemporâneos. São 134 obras que abrangem a pintura, escultura, desenhos, impressões gráficas e fotografias, em permanente diálogo entre si. Drawing a Tension é, no entender do comissário Jürgen Bock, uma exposição que pode ser vista como “uma certa auto-reflexividade sobre a própria prática artística, funcionando como metáfora, como desvio, mas também como consolo pelo fenómeno da nossa existência neste mundo. Mas, ao colocar trabalhos consagrados em diálogo com outras obras, esta exposição procura também conservar a ‘urgência’ – política, social e intelectual – que esses trabalhos tinham quando foram concebidos inicialmente, evitando que sejam reduzidos a uma imagem esvaziada do passado”.

Do programa de conferências associado à exposição, destaque para o dia 16 de Julho com a intervenção de Diedrich Diederichsen. No dia 28 de Julho, Olav Christopher Jenssen e, a finalizar, no dia 31, a conferência de Karin Sander, autora de uma das obras presentes na exposição. As conferências terão lugar no Auditório 3. ■

WeltLiteratur
MADRID, PARIS, BERLIM, S. PETERSBURGO, O MUNDO!

A LITERATURA EXPÕE-SE?

Abre a 30 de Setembro, na galeria de exposições temporárias da sede da Fundação, e intitula-se *Weltliteratur. Madrid, Paris, Berlim, São Petersburgo, o Mundo!*. Será composta por 11 módulos autónomos (cujas concepção está a cargo dos arquitectos Francisco e Manuel Aires Mateus), onde serão exibidos textos e excertos particulares, mostrando como a sua leitura se altera à luz de uma série de textos anteriores que os determinam. De acordo com o comissário da exposição, António M. Feijó, “a distribuição espacial desses textos deverá tornar aparentes quer nexos de anterioridade, quer efeitos observáveis na literatura que se seguiu”.

A literatura e os autores da geração de Pessoa estarão representados e, segundo o comissário, “são parte do que, por brevidade de expressão, se pode designar por literatura do mundo, por *Weltliteratur*, para usar um termo de arte que, no seu exotismo modesto, traduz um impulso transnacional”.

Durante três meses, até 4 de Janeiro de 2009, a literatura e a língua portuguesa estarão expostas, mas também associadas a um programa paralelo (ou complementar) de conferências, com nomes prestigiados das artes, a que voltaremos na edição de Setembro. ■

OS MELHORES CARTOONS DE IMPRENSA EM PARIS

Até 19 de Setembro, quem passar pelo Centro Cultural Calouste Gulbenkian poderá ver os melhores *cartoons* de imprensa 2005-2008, numa exposição inaugurada a 18 de Junho, com a presença de alguns dos cartoonistas premiados e membros do júri. São mais de 60 imagens que reflectem a actualidade dos últimos quatro anos e representam o que de melhor tem sido publicado na imprensa internacional, nas áreas da caricatura, *cartoon* editorial e desenho de humor. O World Press Cartoon (WPC) começou em 2005 em Sintra, com o apoio de várias instituições, entre elas a Fundação Gulbenkian e, todos os anos, o júri nomeado pela organização escolhe os mais significativos desenhos do ano. O público parisiense vai poder apreciar os vencedores de todas as áreas, nos quatro anos de existência do WPC. ■



O TAPETE VOADOR

Apresentado em Junho na Fundação Gulbenkian, o novo filme de João Mário Grilo é um documentário sobre o tapete persa. Calouste Sarkis Gulbenkian foi um colecionador exímio de tapetes persas, da Índia mogol, do Cáucaso, procurando reunir sempre os de maior qualidade que ainda hoje se podem ver no Museu Gulbenkian. Na apresentação do filme, o presidente da Fundação registou que “é uma viagem ao reino maravilhoso da tecelagem dos tapetes da Pérsia” e que não podemos esquecer que “tecido e texto têm a mesma origem etimológica: um tapete é uma linguagem, ou melhor, uma caligrafia muito especial, com o seu vocabulário próprio, fruto de múltiplas inspirações, que é necessário aprender a descodificar”.

O filme ainda não foi exibido comercialmente, dele fica a sinopse do próprio realizador:

“Foi através de Portugal que o tapete persa entrou na Europa, estabelecendo-se como uma das mais importantes tradições culturais no Ocidente, no que respeita às artes decorativas. Quinhentos anos depois, voltámos ao Irão para revelar os seus gestos de fabrico originais e as suas formas e cores hipnóticas, que mantêm, ainda, toda a sua frescura e fascínio. O filme está estruturado em quatro viagens mais uma, da geometria à natureza, do nó ao ‘abrash’ (o modo natural de variação da cor). Na realidade, porém, este é um filme

sobre si próprio e, talvez mesmo, sobre a arte em geral e as suas paisagens infinitas e imemoriais. No final, revelaremos o mistério do verdadeiro ‘tapete voador’, aquele através do qual tanta gente ‘voou’, como hoje se voa através do ecrã (tapete móvel) e dos seus poderes mágicos.” ■

Portugal-Irão 2008, 56’

vídeo, cor, 4:3

Realização: João Mário

Grilo; Consultora: Jessica

Hallett; Imagem: Rui Poças;

Som: Hesam Shahin, Vasco

Pedroso; Montagem: Paulo

Mil-Homens; Música:

Kayhan Kalhoor, Pedro

Amaral; Fotógrafo: Daniel

Blaufuks; Direcção de

Produção: Fernando Centeio.



ORQUESTRA JUVENIL GERAÇÃO PARA COMBATER A EXCLUSÃO SOCIAL

Duas orquestras compostas por mais de cem crianças e jovens de bairros da periferia de Lisboa actuaram, em conjunto, no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian, no final da tarde de um domingo quente de Junho. Esta apresentação inédita resultou de dois projectos que estão a ser desenvolvidos no casal da Boba, na Amadora, e na Vialonga, em Vila Franca de Xira. O Projecto da Orquestra Geração é inspirado no Sistema Nacional das Orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela – que tem na Orquestra Sinfónica Simón Bolívar o seu expoente máximo de qualidade – e que há mais de 30 anos integra, nos seus agrupamentos, crianças e jovens de bairros muito pobres, beneficiando actualmente mais de 270 mil venezuelanos e contando com mais de 180 orquestras juvenis locais. Este complexo e amplo sistema educativo constitui um caso de sucesso ímpar pelo seu contributo inovador para a inserção e desenvolvimento de crianças e jovens provenientes de meios sociais muito desfavorecidos, aliando uma profunda preocupação social a uma grande qualidade artística. Por estas razões, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu associar-se a um projecto-piloto para a criação, em Portugal, de uma Orquestra Sinfónica Juvenil a partir do Agrupamento Escolar Miguel Torga, que serve o Bairro do Casal da Boba, na Amadora e a zona envolvente. Este bairro tem sido, aliás, alvo de um amplo projecto – o Projecto Geração – apoiado pela iniciativa comunitária EQUAL, Fundação Calouste Gulbenkian, Câmara Municipal da Amadora e Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Esta parceria foi entretanto alargada a todas as instituições e organizações que operam no local, bem como a outras que entretanto a ele aderiram. O Projecto Geração visa reaproximar os jovens à escola, oferecendo horizontes de educação, formação e emprego.

A criação de uma Orquestra Sinfónica surge no âmbito deste projecto, viabilizado por uma parceria constituída pela Fundação Gulbenkian, a Fundação EDP e a Câmara Municipal da Amadora, com o apoio da Escola de Música Conservatório Nacional, em articulação com responsáveis pelo Programa das Orquestras Sinfónicas Juvenis da Venezuela. A adaptação da metodologia, a concepção do modelo de gestão e a formação de formadores conta com o apoio





e acompanhamento de especialistas venezuelanos, estando a responsabilidade pedagógica e artística a cargo da Escola de Música Conservatório Nacional. A Fundação Calouste Gulbenkian fará o acompanhamento do projecto no plano artístico-pedagógico e a Câmara Municipal da Amadora apoiará o Agrupamento Escolar em todas as questões logísticas necessárias à viabilização do Programa. Neste momento, a Orquestra Geração integra 35 crianças, número que aumentará para 80 no próximo ano, entre crianças que frequentam os 5º e 6º anos do ensino básico da Escola EB 2,3 Miguel Torga. Se bem que não enquadrada neste protocolo, a Orquestra de Vialonga contou com o apoio da Fundação para aquisição dos instrumentos, tendo-se associado a esta actuação por partilhar o espírito que preside ao Projecto Geração. ■

BIOINFORMÁTICA NA ESCOLA

UM PROJECTO-PILOTO DO INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA

Os investigadores da Unidade de Bioinformática e Biologia Computacional do Instituto Gulbenkian de Ciência apresentaram, em Junho, os resultados do projecto-piloto Bioinformática na Escola, dirigido a alunos dos últimos anos do ensino secundário. Iniciado há um ano, este projecto adapta exercícios de Bioinformática aos currículos escolares, de modo a oferecer novos meios de aprendizagem da Biologia às escolas, de forma pouco dispendiosa e numa perspectiva de *enquiry-based learning*. José Leal, coordenador da Unidade e deste projecto, explica: “O que se pretende é guiar os alunos na resolução de um problema biológico real, recorrendo a técnicas bioinformáticas. Esta abordagem difere significativamente do modelo tradicional de ensino, em que a informação é muitas vezes prontamente disponibilizada aos alunos.”

Diz Isabel Marques, principal responsável pela implementação do projecto em duas escolas: “Desenvolvemos uma actividade em torno da descoberta dos genes e proteínas envolvidas na visão, na qual os alunos utilizam exactamente os mesmos recursos informáticos biológicos (bases de dados, simuladores) que os cientistas do IGC e de outros centros de investigação.”

A fase-piloto deste projecto decorreu em parceria com a Escola Secundária Quinta do Marquês, em Oeiras e a Escola Secundária Miguel Torga, em Queluz. Destas duas escolas, participaram 150 alunos, de sete turmas do 12º ano.

A Bioinformática é uma área de confluência entre a Biologia, a Matemática e a Informática. Recorre a técnicas computacionais para armazenar, analisar e comparar a informação biológica que, nos últimos anos tem aumentado exponencialmente, tanto em quantidade como em diversidade. Alunos, professores e investigadores do IGC fizeram uma avaliação positiva do projecto: a grande maioria dos alunos recomendaria as actividades aos seus colegas, mesmo os que não pretendem seguir Biologia no ensino superior; um aluno salientou que participar no projecto o levou a considerar cursos universitários em que não pensara antes. No fim, ficou claro o interesse e o empenho de todos em prosseguir, desenvolvendo mais actividades e alargando o projecto a outras regiões do país, em parceria com as entidades presentes. ■



NA FRONTEIRA DO UNIVERSO: EM BUSCA DO FIM DA IDADE DAS TREVAS

No dia 16 de Julho, chega ao fim o ciclo Na Fronteira da Ciência que trouxe à Fundação Gulbenkian um conjunto de jovens e consagrados cientistas de diversas áreas e formações. Com auditórios esgotados e muita curiosidade por parte dos estudantes que foram assistindo às várias palestras, o ciclo encerra com uma conferência de José Manuel Afonso, do Observatório Astronómico de Lisboa. A conferência é o pretexto para uma entrevista sobre a Astronomia.

TENDO EM CONTA QUE ESTA É UMA CONFERÊNCIA PARA UM PÚBLICO JOVEM, ESTUDANTE, COMO VAI ABORDAR O TEMA?

Em primeiro lugar, fazer uma palestra como esta é também uma forma de ensinar um bocadinho sobre uma matéria que interessa a muita gente: o Universo. Também é uma oportunidade para tentar dar uma ideia das dimensões do que estamos a falar quando nos referimos a alguma coisa no Universo. Quando falamos de galáxias estamos a referir-nos a coisas que podem acontecer a enormes distâncias da nossa galáxia, e apreender essas distâncias requer um esforço mental. No dia 16, vou apresentar alguns exemplos: a luz do Sol leva oito minutos a chegar até nós, e o Sol está mesmo aqui; a luz da maior parte das estrelas que vemos no céu demora centenas de anos a chegar até nós, e estamos apenas na nossa vizinhança mais próxima. Na nossa galáxia, a luz das estrelas mais distantes leva cerca de 100 mil anos a chegar até nós. Depois temos outras galáxias no Universo, milhões e milhões, e estamos a ver coisas que aconteceram, que existiram há milhões de anos. É esse o tempo que a luz levou a chegar até nós. Isso é o Universo, o que a astronomia tem vindo a estudar basicamente nos últimos 70, 80 anos.

É NOTA ALGUMA EVOLUÇÃO NOS ÚLTIMOS ANOS?

Muita, muita coisa evoluiu nos últimos tempos. Pela primeira vez conseguimos verdadeiramente ver. O nosso conceito de Universo está ligado à teoria do Big Bang, ao que a teoria explica e que podemos imaginar como se fosse uma explosão, e a tudo o que resulta dessa explosão e que tem vindo a expandir-se. Hoje, pela primeira vez, conseguimos não só ver e estudar as galáxias que nos rodeiam, mas também chegar próximo da época onde as primeiras galáxias e as primeiras estrelas se começaram a formar. Por outro lado, através de outras técnicas, sabemos o que é que existia muito antes destas primeiras galáxias, ou seja, o que é que existia pouco depois do Big Bang. A questão das primeiras galáxias, das primeiras fontes de luz do Universo é o desafio da próxima década. Há novos telescópios que estão a ser construídos, novos instrumentos...

QUE VÃO PERMITIR UMA MELHOR AVALIAÇÃO?

Hoje em dia podemos ter um ligeiro vislumbre daquilo que foram os primeiros objectos do Universo. Sabemos que, após o Big Bang, existiu um equilíbrio entre radiação e matéria; à medida que o Universo se ia expandindo e arrefecendo, deu-se a separação entre estes dois componentes. Hoje conseguimos detectar a radiação fóssil desta separação, a primeira radiação livre a existir no Universo e que viajou durante milhares de milhões de anos até chegar até nós, aquilo que designamos por radiação cósmica de fundo. Mas depois deste acontecimento, o Universo fica basicamente escuro, neutro, não existem corpos a emitir radiação. É a chamada Idade das Trevas do Universo. O modelo actual do Universo prevê esta Idade das Trevas. Nalguma época



posterior, começam a surgir as primeiras fontes de luz, não sabemos se são estrelas, se são galáxias. A única coisa que sabemos é que a partir do momento em que se formam estas primeiras fontes de luz, elas começam a excitar todo o meio que está à sua volta (em linguagem mais técnica, ionizar), a estimular todos os átomos que existiam no Universo (basicamente hidrogénio). É isto que é, ainda hoje, o meio intergaláctico, um meio ionizado.

PODEMOS DIZER QUE, A SEGUIR À IDADE DAS TREVAS, VEM A IDADE DA LUZ?

Hoje em dia, se olharmos para o Universo, todo o material que encontramos fora das galáxias está ionizado, não há átomos, há iões. Isso acontece desta maneira desde este final da Idade das Trevas, onde era tudo neutro, para depois passar a ionizar-se novamente, tal como existia pouco depois do Big Bang, antes da separação entre radiação e matéria. Pela primeira vez constatamos que as nossas capacidades de observação estão a aproximar-se do necessário para detectar essas primeiras fontes de luz. E espera-se que os novos telescópios possam detectar estes objectos e que finalmente revelem como é que o Universo sai dessa Idade das Trevas e entra novamente na Idade da Luz.

E PORQUE É QUE É IMPORTANTE PERCEBER?

É uma das transições mais fundamentais no Universo, para compreendermos toda a evolução. Nós não temos informação nenhuma e esta é a chave que nos vai dar a perceber como é que passamos da época da radiação cósmica de fundo para o cenário actual de galáxias num Universo basicamente ionizado. Anteriormente à radiação cósmica de fundo, apenas poderemos teorizar; após a primeira geração de estrelas e galáxias, conseguimos observar e estudar, temos uma ideia de como se dá a evolução do Universo. Mas existe este espaço vazio, este desconhecimento total. Por exemplo, nós sabemos que as galáxias mais distantes que conseguimos observar têm muita poeira, mas não

percebemos como é que isto pode acontecer, pois a poeira necessita de tempo para se formar. Ela forma-se em torno de estrelas idosas, mas nessa altura não havia estrelas idosas; pode-se formar em torno de buracos negros gigantes, à medida que vão aglomerando matéria à sua volta, mas não parece ter havido tempo para ela se ter formado dessa maneira. Ainda não há observações suficientes para nos permitir perceber. Apenas sabemos que neste período temporal bastante curto têm de se formar as primeiras fontes de luz, e que elas têm que rapidamente desaparecer, pois não as detectamos nem nas galáxias mais distantes. Sabemos que a primeira geração de estrelas terá tido propriedades únicas, pensamos que as sabemos identificar, mas nunca as conseguimos observar, em nenhum ponto do Universo. A primeira geração de estrelas deve ter surgido e desaparecido muito rapidamente, e podem ter deixado a tal poeira que, essa sim, observamos em galáxias muito distantes. Há sobretudo um grande desconhecimento, e espera-se que nos próximos 10 a 20 anos tudo seja revelado.

DE QUE FORMA É QUE O APARECIMENTO DE NOVOS INSTRUMENTOS INFLUENCIOU ESTES AVANÇOS?

Hoje em dia, a Astronomia pode observar o Universo em praticamente todos os comprimentos de onda: raios-X, óptico, infravermelhos, o rádio, isto tudo está ao nosso alcance e aconteceu nos últimos 50 a 60 anos. Já estamos a compreender suficientemente bem a tecnologia para fazermos detectores cada vez mais sensíveis, para podermos chegar mais longe. Os telescópios são essenciais para recolher todos estes fotões e, depois, precisamos de instrumentos muito sensíveis para detecção. Actualmente estamos a fazer também instrumentos mais sensíveis, a eles me referirei na minha conferência. Há novos observatórios a ser construídos, como o Alma, um conjunto de 66 antenas que vão estar no meio do deserto de Atacama, no Chile...



SÓ PODIA SER NUM DESERTO...

Cada vez mais, temos de escolher os melhores lugares para instalar estas coisas. Nada de poluição luminosa, ou de telemóveis, emissões parasitas de rádio, tem de ser mesmo no meio do nada. Neste momento as primeiras antenas já estão a ser testadas e instaladas, e quando estiverem todas, lá para 2012 ou 2013, vai permitir-nos ver essas primeiras galáxias e não só vai permitir detectá-las como vai permitir estudá-las. Um dos problemas actuais é que, por vezes, há a detecção de objectos pouco brilhantes, muito débeis, e não temos capacidade para os estudar em detalhe.

OU SEJA, OS INSTRUMENTOS NÃO SÃO SUFICIENTEMENTE SENSÍVEIS PARA CAPTAREM A RADIAÇÃO PARA ANÁLISE.

Exactamente. Vamos querer captar fotões que viajaram 13 mil milhões de anos pelo Universo e que foram sendo atenuados. De vez em quando chega aqui um e precisamos de ter a capacidade de os observar todos e estar muito tempo fixos num mesmo sítio do céu para chegarmos a alguma interpretação significativa. O Alma vai-nos permitir alterar completamente o conhecimento que temos dessas galáxias, não só vai ser capaz de detectá-las, mas vai poder estudá-las em detalhe. O Alma vai ser uma revolução: dentro de seis anos, vamos ter à nossa disposição um instrumento que vai dar uma visão muito completa destas galáxias superdistantes e que eventualmente esperamos

que nos detecte as primeiras fontes de luz do Universo. Para além disto, na mesma altura, em 2013-2014, o telescópio espacial James Webb entrará em funcionamento. É um telescópio de seis metros, e não de dois como o telescópio espacial Hubble, com muito mais capacidade e aperfeiçoado para observações no infravermelho. Estes objectos estão tão distantes que vão ter de ser estudados no infravermelho e o James Webb vai permitir estudá-los, nestes comprimentos de onda, de uma forma ímpar. Mas existem outros projectos a decorrer, de telescópios supergigantes que só estarão em funcionamento por volta de 2020. É um sonho de que se falava há anos quase como uma utopia, mas que serão uma realidade. Os EUA vão ter dois e a Europa vai ter um, que promete ser ainda maior e mais desenvolvido. A Europa estava desatenta a esta questão e, quando os EUA começaram a concretizar projectos, a Europa enveredou por um caminho mais rápido, tentando fazer melhor. No entanto, todos estes projectos são feitos em colaboração internacional. A ciência não tem de facto fronteiras, e a Astronomia é das ciências onde isto faz mais sentido.

NO FUNDO, SÓ FAZ SENTIDO TRABALHAR EM REDE...

Hoje em dia não faz sentido falar de um investigador que investigue apenas no seu gabinete, tem de estar em contacto com o resto do mundo. Este telescópio europeu promete ter 40 metros de diâmetro, até agora o mais que se conseguiu foi cerca de 11 metros. Mas vai havendo informações sobre a construção de ambos os lados, porque a comunidade científica é suficientemente aberta para não haver aquela coisa do segredo industrial. Acaba por haver uma cooperação internacional. Por exemplo, o Alma, que agora já está na fase final de construção, é uma colaboração entre Estados Unidos, Europa e Japão. Um país, por si só, não seria capaz de concretizar tal projecto, tecnologicamente muito complexo e dispendioso. Tratou-se aqui de juntar projectos que isoladamente seriam de menor dimensão; em conjunto passaram a ter maior capacidade. Tudo isto é um esforço global, no sentido de conhecermos o que está para além do que vemos hoje.

ACHA QUE TEM HAVIDO SUFICIENTE INVESTIMENTO NA ASTRONOMIA NOS ÚLTIMOS ANOS?

É preciso fazer ‘ginástica’ muitas vezes para tentar alcançar objectivos com fundos escassos. E há muitos projectos que têm de ser readaptados a orçamentos subitamente menores. Mas, a nível global, pelo menos posso dizer que existe uma compreensão de que a Astronomia é uma ciência fundamental que deve ser desenvolvida. E existe portanto este investimento no conhecimento, permitindo o desenvolvimento de novas capacidades.



E EM PORTUGAL?

Poderia ser muito melhor. A nível da investigação existe alguma dificuldade em planear a longo prazo. Acho que tem havido uma tentativa de regularizar o investimento na ciência, mas ainda não se atingiu o pretendido. Ainda não temos a segurança para poder pensar em projectos a longo prazo. Outro aspecto é o envolvimento em projectos de grande dimensão, que implicam recursos apreciáveis. Actualmente, os nossos financiamentos são mais destinados a projectos locais, mais pequenos, mas, ainda assim, tentamos fazer do nosso trabalho uma contribuição significativa para os projectos globais. E existe sempre a questão da justificação dos investimentos: mesmo nos países grandes, as ciências aplicadas são a prioridade, pois instala-se cada vez mais uma visão de curto prazo, resultados para hoje, ou ontem se possível. A par de outras ciências fundamentais, a Astronomia é um investimento a longo prazo, é um investimento no conhecimento. No nosso país, sofremos ainda mais, pois a Astronomia moderna é uma ciência jovem, que não teve condições para se solidificar. É difícil prever o seu futuro. Esperemos que as coisas melhorem porque um país também se distingue pela capacidade que demonstra nas ciências fundamentais. De qualquer forma, não quero deixar uma ideia pessimista porque, ainda assim, a Astronomia nacional consegue estar envolvida nos maiores projectos internacionais.



José Manuel Afonso

nasceu a 13 de Dezembro de 1974, em Lisboa.

Graus e Prémios académicos

- 2002 Ph.D in Astrophysics, Universidade de Londres;
- 2000 Prémio Valerie Myerscough da Universidade de Londres;
- 1998 Mestrado em Astronomia e Astrofísica, Universidade de Lisboa;
- 1997 Distinção no Programa Gulbenkian de Estímulo à Investigação;
- 1996 Prémio do Departamento de Física da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa;
- 1996 Licenciatura em Física, Universidade de Lisboa;

Posição actual

Investigador Auxiliar, Observatório Astronómico de Lisboa | Área de Investigação Principal: Formação e evolução de galáxias

COMO É QUE SURTIU A ASTRONOMIA NA SUA VIDA?

Tive a sorte de ter contacto com um livro, por volta dos 12 anos, que tinha um mapa com as estrelas e eu fiquei a olhar e a tentar descobrir mais. Depois procurei saber onde se estudava Astronomia, o que na altura não era fácil. A minha formação em Física já foi a pensar na Astronomia, o mestrado é uma especialização na formação de estrelas na nossa galáxia. Mas, na altura, já queria chegar fora da nossa galáxia – o Universo para além daquilo que podemos ver a olho nu. Depois fiz o doutoramento em Inglaterra, já nesta área de formação e evolução de galáxias, observar os objectos mais distantes, saber onde estão e o que são.

É IMPORTANTE ENSINAR A ASTRONOMIA AOS MAIS JOVENS?

A Astronomia é muitíssimo importante para combater a iliteracia científica que cada vez é mais séria no nosso país. As crianças vão para a escola e são essencialmente desculpadas por não terem bons resultados em Matemática e Física. A Astronomia pode providenciar um objectivo, uma canalização de faculdades mentais das crianças – para conhecer mais sobre o Universo, é necessário saber Matemática e Física e perceber que estas disciplinas não são papões e são matérias com que as pessoas podem e devem lidar. É preciso encorajar as crianças a descobrir, a experimentar a matemática porque é necessária para a vida. Abrir o mundo das ciências às crianças é fundamental. ■



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

25^a
EDIÇÃO

JAZZ EM AGOSTO

1^a9
AGOSTO 2008

DESTAQUE

EXTENSÕES

No ano da sua 25ª edição, o Jazz em Agosto aposta em nomes como Peter Brötzmann e o seu Chicago Tentet, Sylvie Courvoisier, na sua dimensão de jazz de câmara, Fritz Hauser, na excelência da sua concepção de bateria e percussão, e uma nova geração detonada por Anthony Braxton: de Taylor Ho Bynum e do trio Memorize The Sky. O conceito “Extensões” é também entendido num sentido geográfico, com a presença do Japão através de Otomo Yoshihide, Satoko Fujii e Paap, enquanto que os duos de Pascal Contet/Barre Phillips e de John Zorn/Fred Frith, colocam em relevo uma das mais caras fórmulas evidenciadas pelo jazz de hoje. Assinala-se o génio de Eric Dolphy através do filme de Hans Hylkema *Last Date* e também na própria temática da Orquestra de O. Yoshihide. Assumindo-se a importância que o jazz tem conquistado na sua documentação em filme, exibirão mais dois filmes, um dedicado a John Zorn, outro a Misha

Mengleberg, que, com a sua Instant Composers Pool, esteve presente no Jazz em Agosto 2000. Uma mesa-redonda moderada pelo crítico Bill Shoemaker, denominada *The Changing Scene*, associando músicos, contribuirá para firmar o pensamento do jazz nesta época de mudança e de proliferação, onde os consensos serão, porventura, mais difíceis. Por fim, uma parceria com a editora Clean Feed, vai permitir o lançamento de uma linha editorial, Jazz em Agosto Series, que se inicia com a reedição de três concertos: Paul Dunmall Octet, realizado 2002, Julius Hemphill Sextet, 2003, e Otomo Yoshihide New Jazz Quintet com Mats Gustafsson, 2004, garantindo, a partir de agora, uma gravação anual. Em ano comemorativo, falámos com Rui Neves, director artístico do Jazz em Agosto, desafiado a lançar um olhar retrospectivo sobre este Festival e a explicar as linhas programáticas que desenhou para esta edição.



Taylor Ho Bynum Sextet

NUM ANO EM QUE SE COMEMORAM 25 EDIÇÕES DO JAZZ EM AGOSTO, QUE BALANÇO FAZ DO FESTIVAL?

Que nunca se pensou chegar tão longe, porque ninguém pode verdadeiramente pensar nisso. O Jazz em Agosto começou como uma experiência em 1984, numa iniciativa de Madalena Perdigão, apresentando apenas músicos portugueses, os mais significativos na época. A sua continuidade deve-se a ter sabido renovar-se. A sua história em quatro ciclos (consultar <http://www.musica.gulbenkian.pt/jazz/>) reflecte esses saltos proporcionados por várias direcções artísticas que nunca deixaram de estar em consonância. A partir do ano 2000 e no século XXI, um novo figurino resolutamente sincrónico com a actualidade em vários planos, nomeadamente o mediático e a eclosão de novas tecnologias, tornou-o reconhecido internacionalmente.

ESTEVE LIGADO À DIRECÇÃO ARTÍSTICA DO JAZZ EM AGOSTO NOS PRIMÓRDIOS E AGORA NO ACTUAL CICLO.

ENTRE O PRIMEIRO FESTIVAL QUE ORGANIZOU E O ÚLTIMO PASSARAM MAIS DE DUAS DÉCADAS. O QUE MUDOU NO PANORAMA DO JAZZ?

Música com um século de existência, o jazz está sempre a mudar: as várias escolas e períodos do jazz disso são um exemplo. Hoje criou numa linguagem clássica, o que não



quer dizer que tenha deixado de evoluir sempre, mesmo a ponto de se questionar a sua identidade. O que se passa agora é o seu ensino ser mais acessível, formando uma nova geração. Dependendo da qualidade dos professores, parte dela reproduz a linguagem instituída, enquanto a outra parte continua a explorar o que é possível ainda fazer. O jazz, como parte da indústria da música, também se tornou comercial, mas continuam a ser as suas expressões que



Pascal Contet



Barre Phillips

exprimem inovação as que mais entusiasmam e fazem avançar a linguagem. Hoje, também, nota-se mais abertura a novas linguagens e novos públicos, com sentido de gosto mais global e, ao mesmo tempo, mais fragmentado.

DE QUE MODO ESSA MUDANÇA SE REFLECTIU NA PROGRAMAÇÃO?

As programações do jazz em Agosto sempre reflectiram as mudanças do jazz, as suas direcções mais vanguardistas e mais polémicas face ao academismo que acabou por se instalar. O aspecto sincrónico com a evolução do jazz sempre esteve presente, afinal, mas também o aspecto diacrónico, a relação histórica de onde vem e para onde vai. O Jazz em Agosto tem apresentado painéis de discussão sobre este tipo de questões. Este ano de 2008 suscitara a questão da economia política do jazz, confrontando gerações diferentes de músicos.

QUER DESTACAR ALGUMA EDIÇÃO?

No meu plano pessoal, destaco a edição de 1985, quando comecei, com a presença inesquecível da Sun Ra Arkestra que, por exigência do público, realizou um concerto extra dois dias depois, em tempos em que tal era possível. Em paridade, destaco a edição de 2000, a primeira do século XXI, a partir da qual o jazz em Agosto adquiriu dimensão internacional.

E UM CONCERTO?

Concertos que perduraram existem muitos e poderei destacar não apenas um exemplo, o que seria redutor, mas alguns como, o Art Ensemble of Chicago em 1987, George Russell Living Time Orchestra em 1989, Anthony Braxton Ghost Trance Ensemble em 2000.

QUE LUGAR OCUPA O JAZZ EM AGOSTO NO CONTEXTO DOS FESTIVAIS EUROPEUS DE JAZZ?

Faz parte de um pequeno núcleo de festivais que não se regem pelo espírito comercial, o que eu chamo “festivais irmãos”, como Mulhouse em França, Tampere na Finlândia e Willisau na Suíça, pois são festivais cuja dimensão e espírito programático é similar. Mas, no Canadá francófono, o festival de Victoriaville ou o festival de Vancôver, na outra costa, ostentam direcções também similares, caso bastante raro no continente americano.

O QUE PROGRAMOU PARA A 25ª EDIÇÃO DESTA FESTIVAL?

A partir de um conceito – extensões –, pensou-se em convidar músicos que já se tinham destacado em edições anteriores, nos seus novos projectos, até porque o seu valor tem perdurado, mas também se pensou o conceito em termos geográficos, daí o foco sobre o novo jazz do Japão. Criámos um *site* muito especializado sobre o Jazz em Agosto – www.musica.gulbenkian.pt/jazz –, onde toda a informação sobre os músicos e respectivos projectos se pode consultar extensivamente, assim como críticas encomendadas a críticos seleccionados e *podcasts* especiais sobre cada evento. O lado diacrónico do jazz, assinala-se na evocação de Eric Dolphy – um inovador consagrado que, se fosse vivo, teria 80 anos – com um filme documental e na temática da New Jazz Orchestra de Otomo Yoshihide.

Não se pretendeu adoptar um tom deliberadamente comemorativo, mas continuar a aperfeiçoar a ideia de que não é a quantidade que interessa, mas sim a qualidade. Nesta ideia, os dez concertos do Jazz em Agosto 2008, embora ostentem “cabeças de cartaz” – a New Jazz Orchestra de Otomo Yoshihide, o duo John Zorn/Fred Frith, Peter



Sylvie Courvoisier

Mário del Curto



Fritz Hauser

Bea Presser

Brötzmann Chicago Tentet –, têm todos iguais valências nas suas várias dimensões, do solo à orquestra, o que também tem sido uma imagem de marca, reflectindo a riqueza das organizações instrumentais do jazz. Por outro lado, aumenta-se a oferta de filmes documentais, sempre muito concorridos. Queremos que quem frequente o Jazz em Agosto possa dizer todos os anos que “esta edição foi a melhor”... ■

JAZZ EM AGOSTO SERIES

TRÊS PERGUNTAS A PEDRO COSTA

Responsável pela editora Clean Feed

COMO APARECEU A CLEAN FEED?

A Clean Feed surgiu, em Março de 2001, do interesse em fazer uma editora diferente, misturando músicos de diferentes nacionalidades e diferentes estilos. É formada por pessoas que trabalharam muitos anos no meio discográfico, com ideias muito concretas sobre o caminho a seguir e muito actualizadas sobre o que se passa no mundo do jazz.

QUAL É A VOSSA PRINCIPAL APOSTA?

Desde o princípio, a Clean Feed fez uma aposta em termos globais, para além do mercado nacional. Hoje em dia os lançamentos Clean Feed suscitam críticas em jornais, revistas e *websites* da especialidade em todo o mundo. Edita alguns dos mais notáveis músicos nacionais como Bernardo Sasseti, Mário Laginha, Júlio Resende, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Barretto, europeus, como Paal Nilssen-Love, Evan Parker, John Butcher, Gunter Sommer, Bruno Chevillon, norte americanos como Mark Dresser, Gerry Hemingway, Charles Gayle, Ken Vandermark, Adam Lane, Elliott Sharp, Scott Fields, Dennis González, Steve Lehman, e ainda outros como Otomo Yoshihide (Japão), Ravish Momin e Rudresh Mahanthappa (Índia) e Pandelis Karayorgis (Grécia).

COMO ENCARA A PARCERIA AGORA ESTABELECIDA COM O JAZZ EM AGOSTO?

A ligação da Clean Feed com a Fundação Calouste Gulbenkian, particularmente com o Jazz em Agosto, começou em 2002, aquando da gravação de um concerto para edição, o Paul Dunmall Octet. A partir daí, mais dois CD Clean Feed foram gravados no Jazz em Agosto, *Hard Blues* pelo Julius Hemphill Sextet e *Live In Lisbon* do Otomo Yoshihide's New Jazz Octet. Existe uma grande afinidade estética entre o festival Jazz em Agosto e a Clean Feed naquelas que são as suas linhas de orientação, sem o que nunca nenhuma das partes se poderia comprometer a gravar pelo menos um concerto por ano para posterior edição, como refere o protocolo. Para a Clean Feed esta é uma associação da maior importância, permitindo alcançar uma maior visibilidade além-fronteiras pelo simples facto de estar associada ao Festival nacional com maior projecção internacional.



SEGUNDA EDIÇÃO DOS PRÉMIOS GULBENKIAN

A cerimónia de entrega dos primeiros Prémios Gulbenkian vai realizar-se a 18 de Julho, data do aniversário da Fundação Gulbenkian. Serão entregues os prémios correspondentes às áreas estatutárias – Arte, Beneficência, Ciência e Educação –, no valor de 50 mil euros, e um Prémio Internacional Calouste Gulbenkian, de 100 mil euros. O Prémio Internacional pretende homenagear as múltiplas dimensões que marcaram a vida e a personalidade de Calouste Gulbenkian, distinguindo uma individualidade ou uma instituição, nacional ou estrangeira, que, pelo seu pensamento ou acção, tenha contribuído de forma decisiva e com particular impacto para o respeito pela biodiversidade e defesa do ambiente, na relação dos homens com a Natureza. ■

FUNDAÇÕES PORTUGUESAS DEBATEM A INTERCULTURALIDADE

As fundações portuguesas reuniram-se na Fundação Bissaya-Barreto, em Coimbra, no dia 20 de Junho, por ocasião do 10º Encontro Nacional de Fundações, que assinalou igualmente o 15º aniversário do Centro Português de Fundações, cuja Direcção é presidida, desde 2006, pelo presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. O tema escolhido para o encontro foi o papel das fundações na questão da interculturalidade, nas suas múltiplas dimensões, ou seja, enquanto diálogo inter-religioso, interétnico e intercultural. No primeiro painel, sobre o diálogo inter-religioso, participaram representantes das três religiões monoteístas, Abdool Karim Vakil, presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa, José Oulman Carp, presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e D. Albino Cleto, bispo da Diocese de Coimbra. Jorge Sampaio, alto-representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações, Rosário Farmhouse, alta-comissária para a Imigração e Diálogo Intecultural e Gerry Salole, director executivo do Centro Europeu de Fundações, foram alguns dos oradores convidados que convergiram no papel fundamental que as fundações e demais organizações da sociedade civil podem desempenhar ao nível da interculturalidade, sobretudo devido à proximidade com que actuam junto dos seus destinatários e às acções concretas e com efeitos de demonstração que promovem. No Encontro, que integrou igualmente as comemorações dos 50 anos da Fundação Bissaya-Barreto, estiveram presentes representantes de mais de 50 fundações de todo o país. O presidente da Fundação Gulbenkian, para quem a vivência da interculturalidade, em conjunto com uma estratégia de preservação dos recursos ecológicos, constituem as duas condições indispensáveis para um futuro sustentável, afirmou que o movimento fundacional europeu se prepara para responder a este desafio. ■

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Pela primeira vez, a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação organizou o encontro e exposição *Os Dias do Desenvolvimento*, no Centro de Congressos de Lisboa, de 5 a 7 de Junho, onde a Fundação Gulbenkian esteve presente. Este encontro pretendeu sensibilizar a opinião pública portuguesa para as prioridades, mostrar os desafios e os actores da cooperação para o desenvolvimento, encorajar o encontro e

sinergias entre os vários intervenientes, partilhando experiências e enriquecendo o conhecimento mútuo, e aumentar a visibilidade e promover boas práticas no domínio da Educação para o Desenvolvimento. Ao longo dos três dias em que esta iniciativa decorreu, a informação presente no *stand* da Fundação foi vista por um vasto público. Para além de um conjunto de cerca de meia centena de expositores, ainda foi organizada uma série de eventos paralelos, designadamente, conferências e mesas-redondas, centrados sobre as questões da ajuda ao desenvolvimento, tendo sido dada uma particular ênfase aos Objectivos do Milénio e às estratégias para o seu cumprimento. ■



FÓRUM GULBENKIAN MIGRAÇÕES

A *Habitação e a Saúde na Integração dos Imigrantes* foi o tema da primeira conferência do Fórum Gulbenkian Migrações 2008, iniciativa que pretende dar continuidade à reflexão e debate iniciado durante as comemorações do cinquentenário da Fundação. Coordenada por Maria Lucinda Fonseca, a manhã do dia 19 de Junho foi dedicada à habitação procurando partilhar lições e experiências em torno da segregação e exclusão social de imigrantes na Europa, com a análise dos casos do Reino Unido, da Holanda e de Espanha. O segundo painel procurou aprofundar as condições de habitação e integração dos imigrantes em Portugal pondo em confronto as perspectivas dos próprios imigrantes, do Estado e das câmaras municipais.

A tarde foi dedicada à temática da saúde dos migrantes centrando-se na protecção dos direitos e na assunção das responsabilidades dos diversos agentes envolvidos. No final, António Vitorino, comissário do Fórum, confirmou a ideia de que a habitação e a saúde são dois temas que surgem inevitavelmente interligados com a integração e qualidade de vida do imigrante e do seu agregado familiar. Nesta conferência ficaram reforçadas as ideias de acesso universal aos serviços de saúde como um direito humano fundamental de todos, independentemente do seu estatuto jurídico, e o direito a uma habitação digna como uma condição essencial à integração saudável do imigrante na sociedade. A próxima sessão – *Os Novos Desafios das Migrações* – decorrerá a 26 de Setembro e contará com a presença de Jack Lang, deputado à Assembleia Nacional Francesa, e Hervé Le Bras, director do Laboratório de Demografia Histórica, em Paris. ■

ENVELHECER COM QUALIDADE

A segunda sessão do Fórum Gulbenkian de Saúde – O Tempo da Vida abordou o tema *Como se Envelhece em Portugal*. O que significa envelhecer? Que mudanças na sociedade permitirão que cada vez mais se envelheça melhor? Para responder a estas e outras questões relacionadas com o envelhecimento, a sessão contou com a presença de especialistas nacionais nesta área: Anabela Mota Pinto, Alexandre Mendonça, Maria do Céu Machado, Ana Bandeira, António Fonseca e Fernando Ribeiro Mendes. Começando por olhar para o envelhecimento como processo fisiológico, a primeira abordagem referiu as doenças da velhice, a sua tipologia e prevalência, abrindo a discussão às políticas de saúde necessárias para dar à vida mais anos, sobretudo anos de melhor qualidade. Alexandre Mendonça sublinhou a importância de um diagnóstico precoce como grande prioridade, de forma a atenuar a evolução da doença de Alzheimer, patologia neurodegenerativa com crescente incidência no nosso país, enquanto Maria do Céu Machado defendeu algumas medidas a pôr em prática para melhor dar resposta às carências dos idosos, como a necessidade de haver formação específica em geriatria nos

curso de Medicina ministrado em Portugal, a criação de um “boletim do idoso” que concentre toda a informação relativa às patologias e à medicação tomada, semelhante ao conhecido Boletim do Bebê, ou a criação da “loja do idoso”, baseada no modelo da Loja do Cidadão.

“A vida depois da reforma”, “A segurança na velhice” e “As necessidades dos Seniores em Portugal”, foram tema para as três intervenções da tarde, as quais resumiram alguns estudos recentemente realizados neste âmbito e terminaram com dois testemunhos sobre “a arte de envelhecer”. Quando questionados por António Barreto sobre o segredo de bem envelhecer, Eunice Muñoz e Ruy de Carvalho deixaram algumas receitas: “ter sempre o maior cuidado connosco, com o nosso crescimento e com o nosso envelhecimento...” e sobretudo “nunca deixar de ser criança” e “viver a vida intensamente até ao fim”.

António Barreto, que presidiu ao painel da tarde, fechou a sessão referindo que “se o século XX ficou marcado pela redacção dos direitos das crianças, o século XXI terá de ser o século dos direitos dos idosos”.

A próxima sessão do Fórum O Tempo da Vida está agendada para os dias 24 e 25 de Novembro. “Envelhecimento e mercado de trabalho”, “Família e relações intergeracionais” e “A arquitectura das cidades e o envelhecimento”, são alguns dos temas a debater e que contarão com a presença de reputados especialistas internacionais. ■



HOMENAGEM A SOLANGE PARVAUX

O Centro Cultural Calouste Gulbenkian realizou uma homenagem à antiga inspectora-geral do ensino do Português no Ministério da Educação francês, falecida em Dezembro do ano passado. Solange Parvaux foi pioneira na luta pelo ensino do Português em França, bem como autora de algumas obras sobre a língua, entre elas o vocabulário de Português que ainda apresentou no Centro de Paris, poucos dias antes de morrer. O seu primeiro livro, Cerâmica Popular do Alto Alentejo, foi publicado em 1968 pelo Centro, em parceria com as Presses Universitaires de France. ■



MÚSICA PORTUGUESA EM PARIS

A Igreja de St. Roch, um dos mais belos cenários para concertos na capital francesa, foi o local escolhido pelo Centro Cultural Gulbenkian para o concerto com o Ensemble Européen William Byrd. Sob a direcção de Graham O'Reilly, os músicos interpretaram um programa integralmente preenchido com obras de autores portugueses dos séculos XVII e XVIII: João Rodrigues Esteves e Diogo Dias Melgas. ■

CALOUSTE GULBENKIAN EM NOVO LIVRO SOBRE FILANTROPIA NA EUROPA



Philanthropy in Europe: a rich past, a promising future foi lançado no final de Maio, na última conferência do Centro Europeu de Fundações, em Istambul. O objectivo do livro é colmatar a falta de publicações sobre filantropia na Europa (ao contrário do que acontece nos Estados Unidos da América), as suas origens, os seus heróis, os seus feitos e limitações, apresentando a variedade e diversidade de fundações europeias existentes. É neste contexto que se traça o perfil de algumas figuras de maior relevo no sector, como é o caso de Calouste Sarkis Gulbenkian, num longo artigo assinado por António José Teixeira com o título “The rich legacy of an Armenian visionary”. O texto descreve e analisa o percurso do homem de negócios e coleccionador de arte, que, aos 73 anos, chegou a Lisboa, onde acabaria por morrer, legando o seu património para ser criada uma fundação com o seu nome. O livro inclui ainda uma série de ensaios, dando a conhecer o trabalho de vários especialistas em fundações e na sua dinâmica complexa. Também a Turquia aqui merece especial atenção, por causa das conversações que se aproximam com a União Europeia e do papel das fundações no passado, presente e futuro. Com o apoio do Mercator Fund e da King Baudouin Foundation, o livro foi publicado pela Alliance Publishing Trust. ■



ENSAIOS SOBRE PESSOA NAS ÉDITIONS LUSOPHONE

Pessoa: L'intranquille reúne quatro ensaios sobre *O Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, assinados por Françoise Laye, Eduardo Lourenço, Patrick Quillier e Richard Zenith. Nos 120 anos do nascimento do escritor e poeta de múltiplas faces, a Éditions Lusophones publica os quatro textos que reflectem várias perspectivas sobre um dos heterónimos do poeta. Eduardo Lourenço, num texto intitulado “Narcisse aveugle”, reflecte sobre o “mito” de Pessoa, transformado em “anjo da guarda dos nossos sonhos”. O administrador da Fundação Gulbenkian e antigo professor da Universidade de Nice, escreve ainda sobre o heterónimo Soares e a ilusão de existir. Françoise Laye é a tradutora do Livro de Bernardo Soares, em Paris; Patrick Quillier é professor na Universidade de Nice e organizador da obra poética de Pessoa na Pléiade. Quanto a Richard Zénith, que assina o último texto do livro, é o tradutor da obra para a língua inglesa. ■

INSTRUMENTOS MÚSICAIS, 6ª EDIÇÃO LUÍS L. HENRIQUES

Com esta frase, “Ser músico é trabalhar o instrumento todos os dias, é pôr-se permanentemente em questão, é duvidar”, de Sophia Domancich, pianista e compositora francesa, Luís L. Henriques dá o mote para introduzir o leitor ao manual Instrumentos Musicais. Devido à constante procura desta obra, com uma abrangência que vai desde os idiofonos até aos instrumentos electrónicos, foi agora produzida uma nova edição. Luís L. Duarte (Porto, 1951) é diplomado com o Curso Superior de Piano do Conservatório de Música do Porto e doutorado em Acústica Musical pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É autor do livro Acústica Musical, também publicado nesta série de manuais universitários. ■

ARTE E NOVAS TECNOLOGIAS

Mafalda Santos*

28 anos

Área: Arte e Novas Tecnologias



COMO É A LOCATION ONE? PODE DESCREVER-NOS UM POUCO DO QUE SE PASSA NESTA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA?

O Location One é uma residência artística em Nova Iorque que funciona desde 1999. Sediado no número 26 da Greene Street, encontra-se em pleno Soho: entre a azáfama das compras na Broadway, as contrafacções de *Guccis* e *Dolce Gabbanas* na Canal Street e perto dos melhores *dumplings* da Chinatown.

Tem um espaço amplo de galeria no primeiro piso que recebe exposições temporárias e na cave diversos ateliês individuais que albergam dez a vinte artistas por ano, por períodos de quatro a dez meses.

Durante a minha estadia de Setembro de 2007 a Fevereiro 2008, cruzei-me com artistas oriundos de Itália, França, Irlanda, Finlândia, EUA, Vietname, Taiwan e Alemanha, com idades entre os 25 e os 55 anos.

Apesar de se afirmar como uma residência focada em artistas a trabalhar com “novos média”, actualmente parece abordar a relação da arte com as novas tecnologias de uma forma mais lata e transdisciplinar. Podiam-se encontrar artistas a trabalhar na área do vídeo, desenho, fotografia, escultura, pintura e até da música experimental.

Nunca excedendo os dez residentes de cada vez, o Location One promove um contacto muito próximo entre artistas e um acompanhamento muito personalizado das necessidades e expectativas de cada um.

Dirigido por Nathalie Anglès, o programa desta residência é bastante dinâmico e completo. Todas as semanas são organizadas visitas aos ateliês dos artistas, por curadores, directores de espaços, galeristas e outros agentes ligados ao sector, numa tentativa de possibilitar encontros, afinidades e oportunidades profissionais.

A meio da semana são convidados jovens curadores, artistas e também directores de outras residências artísticas nos EUA para fazerem uma apresentação durante a hora de almoço, num registo bastante mais informal.

Para além destas apresentações e visitas, é também oferecida

aos residentes a possibilidade de terem *workshops* semanais de aprendizagem de diferentes programas de computador, programação ou edição vídeo, com a orientação do coordenador da residência Sebastien Santamaria. Com a sua ajuda foi-me possível aprender técnicas básicas de programação e fazer um primeiro esboço do meu *website* www.mafaldasantos.net.

Procurando também introduzir os artistas residentes na dinâmica cultural da cidade, todos os dias chovem na caixa de correio electrónico informações de eventos, exposições, conferências, concertos que o pessoal do Location One selecciona e recomenda, preenchendo ainda mais a sua agenda.

De tanta oferta, era difícil chegar sequer a meio da lista diária dos afazeres. Mas foi-me possível entrar em contacto com muitas pessoas e ter acesso a uma imensa variedade de experiências e situações.

QUE PROJECTOS DESENVOLVEU POR LÁ?

Em Janeiro foi realizada uma apresentação do trabalho desenvolvido durante a residência. Nesta apresentação inclui os desenhos originais que serviram de base para o *layout* do meu *site*.

E QUE OUTROS PROJECTOS SURGIRAM?

Para além de uma vivência privilegiada da cidade a todos os níveis, profissionalmente possibilitou o convite por parte de uma jovem curadora italiana, Cecilia Alemani, para a exposição *Only Connect*, organizada pela Art in General, uma associação sem fins lucrativos. Reunindo cinco artistas dos EUA, Itália e Portugal a exposição está patente até dia 29 de Agosto em Midtown NY, no edifício de escritórios da grande empresa de informação financeira Bloomberg. ■

* Testemunho recolhido por escrito. Bolseira do Serviço de Belas-Artes, em colaboração com a FLAD, na residência artística Location One, Nova Iorque

COMBATER A DOENÇA DE HUNTINGTON

Leonor Fleming*
25 anos
Área: Biologia



UM ROSTO DA BIOLOGIA

QUE RAZÕES A LEVARAM AO DEPARTAMENTO DE GENÉTICA DA UNIVERSIDADE DE LEICESTER?

Investigação de alta qualidade, excelentes laboratórios com ótimos recursos, cientistas de renome internacional... São inúmeras as razões que me levaram a querer trabalhar no Reino Unido. Sempre tive curiosidade em saber como é a ciência no estrangeiro. Para quem quer seguir carreira em investigação, acho que é essencial ter uma experiência cá fora, por mais curta que seja. A mobilidade faz parte da nossa profissão. Não basta lermos artigos e tentarmos reproduzir as técnicas e métodos desenvolvidos por outros no nosso laboratório. Muitas vezes temos de ir aprender com os *experts*. Ver com os nossos próprios olhos... Para além disso, vir para o estrangeiro é ótimo para estabelecer colaborações. A troca de informações, de conhecimentos e material são, do meu ponto de vista, um dos pilares fundamentais para o avanço e sucesso da ciência.

A multiplicidade de culturas é outra característica que me fascina neste país. Poder ter amigos e colegas de todos os cantos do mundo é um privilégio.

Surgiu-me a oportunidade de trabalhar três meses no laboratório do doutor Flaviano Giorgini. Foi uma oportunidade aliciante que me pareceu perfeita para a primeira grande aposta da minha carreira. Para além do laboratório ser especializado na minha área de interesse, tinha a vantagem de estar localizado no departamento de genética mais conceituado do país.

QUAL É O TEMA DA SUA INVESTIGAÇÃO?

Estou a estudar a doença de Huntington, uma doença neurodegenerativa hereditária, progressiva e fatal, que inclui sintomas tais como movimentos motores anormais, mudanças de personalidade e declínio cognitivo. É uma doença devastadora que, em Portugal, afecta possivelmente mais de cinco em 100 mil indivíduos. Embora a causa desta doença seja conhecida (uma mutação na proteína huntingtina), os mecanismos celulares afectados são pouco conhecidos

e ainda não se encontrou um tratamento capaz de prevenir a sua progressão.

O meu trabalho consiste mais precisamente na investigação de uma enzima (*kynurenine 3-monooxygenase*), que é considerada um dos mais promissores candidatos a alvo terapêutico. Sabe-se que a inibição farmacológica desta enzima leva à diminuição da toxicidade causada pela mutação na huntingtina. O estudo que estou a realizar não só vai ajudar na determinação do seu papel desempenhado na doença de Huntington e no sistema nervoso, como também pode levar à identificação de novos alvos terapêuticos.

O QUE SE VAI SEGUIR A ESTE ESTÁGIO?

O meu próximo destino é Lisboa, Instituto de Medicina Molecular. Aqui vou continuar a dedicar-me à investigação de doenças neurodegenerativas, com a perspectiva de obter o grau de doutor sob a orientação do doutor Tiago Outeiro. Provavelmente, mais tarde, irei realizar uma parte do meu trabalho nos Estados Unidos e, quem sabe, voltar a Leicester. ■

* Testemunho recolhido por escrito. Bolseira do Serviço de Educação e Bolsas na Universidade de Leicester, UK

PEAU-BRUNE

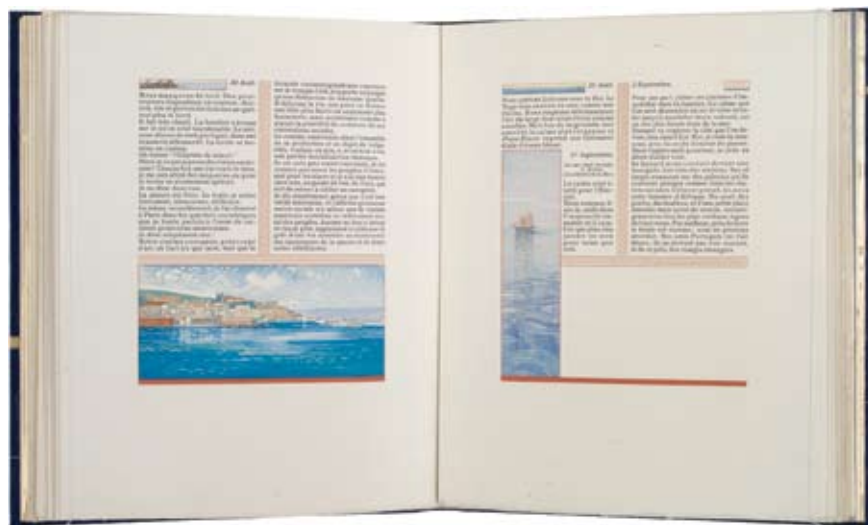
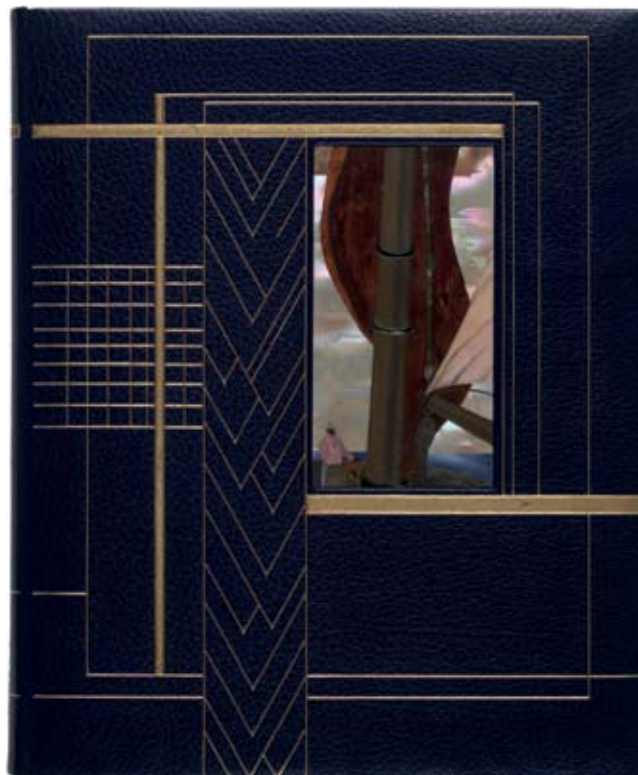
FRANÇOIS-LOUIS SCHMIED

Peau-Brune é, porventura, uma das obras mais completas de François-Louis Schmied (1873-1941), excelente obreiro do livro de bibliófilo no período compreendido entre as duas guerras mundiais. Mestre incomparável da gravura a cores sobre madeira com que interpretava os temas ilustrativos do texto, Schmied, para além de ilustrador, dedicou-se à produção global de edições de luxo, cujo trabalho acompanhava desde a paginação, a tipografia e a impressão, à concepção das encadernações, executadas depois por hábeis encadernadores.

Nesta obra, para além das gravuras que ilustram a narrativa – onde predomina a linguagem geometrizante que caracteriza o seu estilo – e da concepção da encadernação executada por Georges Cretté (1893-1969), também o texto é da sua autoria. Nele relata, ao jeito de um diário de bordo, a viagem feita no *Peau-Brune*, veleiro que adquiriu em 1927. Acompanhado da tripulação necessária ao comando do barco e do seu colaborador e inseparável amigo Jean Dunand (especialista na arte da laca, com quem tantas vezes trabalhou) mais a filha deste, parte do porto de Saint-Nazaire, navega ao longo da costa em direcção a sul, passando por portos e cidades do Mediterrâneo até La Ciotat, onde, finalmente, termina o itinerário descrito.

Neste longo percurso, Lisboa foi um dos pontos de paragem obrigatória do *Peau-Brune*. A 29 de Agosto, pelas quatro horas da tarde, o veleiro entrou no Tejo e fundeou ao largo da Praça do Comércio. Schmidt, na linguagem poética que caracteriza a sua narrativa, depois de descrever a agradável e cálida permanência em terra lisboeta, que aliás regista numa excelente gravura, anuncia a partida rumo a outras paragens, a 31 de Agosto: “Nous quittons Lisbonne avec le flot... Le Tage nous renvoie en mer comme une flèche.” Também Calouste Gulbenkian se deixou seduzir pela tranquilidade desta mesma Lisboa, onde chegou em Abril de 1942, deixando para trás a turbulência da guerra que então assolava a Europa. Foi aqui que, a partir de então, fixou residência até 1955, data em que ocorreu a sua morte.

■ **Manuela Fidalgo**



Peau-Brune [De Saint-Nazaire à la Ciotat, journal de bord]

François-Louis Schmied

Lyon: Société des XXX, 1931

In-4°. 32,2 X 26,8 cm

Nº 63, impresso sobre papel velino, de uma tiragem de 135 exemplares

Ilustração: François-Louis Schmied

Encadernação: Georges Cretté, desenhada por F.-L. Schmied

Prov.: Louis Barthou (ex-libris). Adquirido em Paris, na venda desta colecção, a 27 de Março de 1935

Nº Inv. LM389 A/B



STERNENFALL: CHUTE D'ÉTOILES

No dia 4 de Junho, um dos mais prestigiados prémios do meio literário alemão, o Frankfurt Peace Price, foi atribuído a Anselm Kiefer. Desde a sua criação pela Associação Alemã de Editores, em 1950, que os premiados têm sido escritores e académicos – como o historiador Saul Friedlaender (2007), o sociólogo Wolf Lepenies (2006) e o escritor Orhan Pamuk (2005) – cuja obra é considerada um contributo para o diálogo e o entendimento interculturais. Pela primeira vez, a escolha recaiu sobre um artista plástico e o júri justificou-a considerando que, “não apenas as instalações, que constantemente citam grandes textos, mostram o envolvimento de Kiefer com a literatura e a poesia, mas que ele transformou o próprio livro numa decisiva forma de expressão”. De facto, o livro como instrumento e suporte do saber tem sido um dos temas que Anselm Kiefer tem explorado plasticamente desde 1969. Para além de ter criado vários livros de artista, nos últimos anos eles tornaram-se o motivo central das suas pinturas e esculturas. Os livros de Kiefer são peculiares: não são impressos e editados, nunca deixam de ser objectos únicos e o seu discurso – embora o texto apareça sob a forma de inscrição sobre as imagens – é sempre eminentemente visual. Talvez uma das obras mais expressivas deste interesse de Kiefer seja a escultura *Zweistromland/The High Priestess* (1986-89), composta por duas enormes estantes de aço, onde se arrumam duzentos livros de chumbo: alguns estão ainda por escrever, em outros as páginas contêm fotografias de nuvens e, apesar de alguns pesarem cerca de 300 quilos, podem ser retirados das estantes e manuseados.

Considerado um dos artistas mais controversos da sua geração, Anselm Kiefer nasceu em Março de 1945, na Alemanha. As suas investigações e reflexões sobre os mitos, a religião,

a história e a memória começaram no início da década de 1970. Alguns dos trabalhos destes anos abordam de forma poderosa, e contra tabus instalados, a questão do recente passado nazi alemão, através dos seus aspectos mais fulcrais: a cultura ao serviço da barbárie, da humilhação do ser humano e do extermínio. Entre as obras mais significativas deste período contam-se as pinturas que Kiefer realizou a partir do poema *Todesfuge*, escrito num campo de concentração pelo poeta judeu romeno Paul Celan. No seu conjunto, e abordados de um ponto de vista mais abrangente, os trabalhos de Anselm Kiefer transmitem, por vezes de forma dramática e nem sempre imediata, a sua reflexão e as suas interrogações sobre o destino dos fundamentos da cultura ocidental no contexto contemporâneo de rápidas transformações e de globalização. As suas obras – pintura, desenho, escultura, gravura, instalações –, mais do que uma contemplação passiva, exigem ao espectador uma leitura reflectida e contêm frequentemente elementos que apelam para o conhecimento e para a memória de acontecimentos e personagens. A Biblioteca de Arte assinala a atribuição do *Frankfurt Peace Price* escolhendo do seu fundo documental *Sternenfall: Chute d'étoiles* onde o escritor e jornalista Pierre Assouline e o crítico de arte Paul Ardenne escrevem sobre a obra de Anselm Kiefer. ■ Ana Barata

TÍTULO/ RESP *Sternenfall : chute d'étoiles/ Anselm Kiefer; Paul Ardenne; Pierre Assouline*

PUBLICAÇÃO Paris : Editions du Regard, D.L. 2007

DESCR. FÍSIC 373, [3] p. : il. color. ; 34 cm

COTA(S) AHP 5860

MIGUEL PALMA

CEMITERRA-GERATERRA



Em 1991, Miguel Palma enterrou no jardim da Fundação Gulbenkian, em frente ao Centro de Arte Moderna, um enorme globo terrestre em ferro, dentro de um paralelepípedo do mesmo metal, com indicação de que emergisse à luz do sol dez anos depois. Esse terá sido o tempo de uma renovação celular, de um ciclo regenerativo, o tempo de uma descida catártica ao reino de Vulcano, ao interior da Terra, onde ela própria (numa *mise en abîme* perfeita) poderá ter preparado um renascimento simbólico e material.

O enterro de uma obra de arte no jardim de uma instituição ligada à arte por excelência é, ele próprio, um gesto intensamente carregado de significação: não evoca apenas a irreverência das várias vanguardas que proclamaram o fim da arte (ou de um determinado tipo de arte), não se constitui apenas como indicação metafórica dos espaços de acervo que, nos dois museus da Fundação, são debaixo do chão, e de forma geral de todas as reservas de museu como sepulcros simbólicos das obras; não é apenas um desafio à resistência de um projecto e à fidelidade a ele ao longo do tempo; é também uma proposta performativa com dois momentos muito fortes e uma espécie de sono profundo de permeio, que confere ao objecto e às acções uma aura ritual. Invertida a cronologia expectável, uma cerimónia fúnebre acontece muito antes de um nascimento. “Cemitério” e “geração” estão na raiz de *Cemiterra-Geraterra*. Não se sabe porém que “novo mundo” (Pedro Nuno de Andrade, no texto de catálogo) ressurgirá.

À ferrugem acumulada no ferro de que é feito o globo será para sempre associado o trabalho do tempo e do húmus sobre ele, uma espécie de corruptibilidade superficial que não o ameaça como estrutura, apenas o torna envelhecido e, por isso, natural.

Finalmente, se a Terra pôde ser colocada sobre um pedestal, é porque, através de uma representação escultórica de dimensão praticamente monumental, se concebeu um ponto de vista que lhe é exterior, que a observa do espaço, tentando abarcá-la como um todo, lhe minimiza a escala, mas ao mesmo tempo a celebra e eleva ao valor supremo de arte; apesar da inquietação que o procedimento também pode transportar: o desenterro arqueológico do planeta e a sua musealização poderão figurar o vislumbre visionário do seu destino num futuro longínquo nos arquivos do universo. ■ **Leonor Nazaré**

A obra está exposta no Jardim do Palácio Ventura Terra.

Miguel Palma

Cemiterra-Geraterra, 1991 – 2000

Ferro e aço

320 cm x 260 cm x 180 cm x 205 cm x 205 cm

Nº inv.:91E1223

JULHO | AGOSTO AGENDA

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, 10h às 18h
[encerram às segundas-feiras]



WALTERCIO CALDAS

19 DE JULHO ATÉ 7 DE DEZEMBRO

Centro de Arte Moderna, piso 0

€4 (inclui entrada na exposição Apresentação da Coleção)

DESNORTE

UM PROJECTO DE SUSANA ANÁGUA

19 DE JULHO ATÉ 26 DE OUTUBRO

Centro de Arte Moderna, Galeria de Exposições Temporárias

Entrada livre

CONTINUAM...

A EDUCAÇÃO DO PRÍNCIPE

OBRAS-PRIMAS DA COLEÇÃO DO MUSEU
AGA KHAN

ATÉ 27 DE JULHO

Galeria de Exposições Temporárias

do Museu Calouste Gulbenkian

Organização: "Aga Khan Trust of Culture"

€4 (inclui entrada no Museu Gulbenkian)

E-FLUX VIDEO RENTAL

MOSTRA DE VÍDEOS - UM PROJECTO
DE ANTON VIDOKLE E JULIETA ARANDA

ATÉ 18 DE JULHO, 12H00 ÀS 18H00

piso 01, Edifício Sede

Entrada livre

Ver evento no âmbito deste projecto

DRAWING A TENSION

OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK

ATÉ 7 DE SETEMBRO

Galeria de Exposições Temporárias da FCG

Comissário: Jürgen Bock, Director da Escola de Artes

Visuais Maumaus | Arquitecto: Marcos Corrales

Consultora: Gertrud Sandqvist

€4

Ver evento no âmbito da exposição



INSTALAÇÃO DE TOLDOS NO JARDIM

ATÉ 31 DE OUTUBRO

Originais dos artistas: Philomena Francis, Sergio Vega,
Hakam Gursoytrak, Marisa Vinha, Yonamine, António
Sérgio Moreira, Francisco Vidal, Rosana Paulino, Wilson
Shieh, Kenya Evans, Celestino Mudaulane, UIU, Gabi
Jiménez, Santiago Cucullu

No âmbito do Programa Gulbenkian Distância e Proximidade

CAFÉ BABÉLIA

FOTOGRAFIAS DE DUARTE AMARAL NETTO

ATÉ 31 DE OUTUBRO

Cafeteria do Centro de Arte Moderna

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO DO CAM

ATÉ 7 DE DEZEMBRO

CAM, Piso 01 e 1

€4

CINEMA

HIROKIMA MEU AMOR

4 JULHO, SEXTA, 22H00

Anfiteatro ao Ar Livre

Realização de Alain Resnais, a partir da obra de Marguerite
Duras com Emanuelle Riva e Eiji Okada/ França-Japão, 1959

€3

TÃO PERTO, TÃO LONGE

5 JULHO, SÁBADO, 22H00

Anfiteatro ao Ar Livre

Projecto encomendado a vários realizadores, no âmbito do
Programa Gulbenkian Distância e Proximidade

€3

MÚSICA

Nos dias de espectáculos no Anfiteatro ao Ar Livre,
o Café Babélia, estará aberto entre as 10h e as 18h e entre
as 19h e as 22h.



AFRICAN BOY (REINO UNIDO / NIGÉRIA)

RITCHAZ & KÉKE (1ª PARTE)

12 JULHO, SÁBADO, 21H30

Anfiteatro ao Ar Livre | €10

QUALQUER

ARNALDO ANTUNES

19 JULHO, SÁBADO, 21H30

20 JULHO, DOMINGO, 19H30

Anfiteatro ao Ar Livre | €10

TAMBORES DE LATA - O LIKO MUSICAL

DRUMMING GRUPO DE PERCUSSÃO

25 E 26 JULHO, SEXTA E SÁBADO, 21H00

Anfiteatro ao ar livre

A PARTIR DOS 3 ANOS

Direcção Musical: Miquel Bernat | €4

EVENTOS

CONFERÊNCIA E-FLUX VIDEO RENTAL

MIGUEL WANDSCHNEIDER

15 JULHO, TERÇA, 18H00

Piso 01, Edifício Sede

CONFERÊNCIA EM TORNO DA EXPOSIÇÃO

DRAWING A TENSION

Auditório 3

DIEDRICH DIEDERICHSEN

16 JULHO, 18H00

OLAV CHRISTOPHER JENSSEN

28 JULHO, SEGUNDA, 18H00

KARIN SANDER

31 JULHO, QUINTA, 18H00

CICLO DE CONFERÊNCIAS 07'08

NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA

NA FRONTEIRA DO UNIVERSO:

EM BUSCA DO FIM DA IDADE DAS TREVAS

16 JULHO, QUARTA, 18H00

Auditório 2

José Manuel Afonso, Observatório Astronómico de Lisboa

Entrada livre em todos os eventos

JAZZ EM AGOSTO

Nos dias de espectáculos no Anfiteatro ao Ar Livre, a cafetaria do CAM, estará aberto entre as 10h e as 18h e entre as 19h e as 22h. | Mais informações: 217 823 627

OTOMO YOSHIIHIDE NEW JAZZ ORCHESTRA

1 AGOSTO, SEXTA, 21H30

Anfiteatro ao ar livre

Featuring Axel Dörner, Cor Fuhler, Mats Gustafsson (Japão, Alemanha, Países Baixos, Suécia)
€20

ERIC DOLPHY: LAST DATE / 92', 1991 FILME DOCUMENTAL DE HANS HYLKEMA

2 AGOSTO, SÁBADO, 18H30

Auditório 2

Sessão com a presença do realizador

Entrada livre (no limite da disponibilidade da sala)

SATOKO FUJII MIN-YOH ENSEMBLE (JAPÃO, EUA)

2 AGOSTO, SÁBADO, 21H30

Anfiteatro ao ar livre

€17,50

A BOOKSHELF ON TOP OF THE SKY/12 STORIES ABOUT JOHN ZORN / 82', 2002 FILME DOCUMENTAL DE CLAUDIA HEUERMANN

3 AGOSTO, DOMINGO, 15H30

Auditório 2

Entrada livre (no limite da disponibilidade da sala)

PAAP (JAPÃO)

3 AGOSTO, DOMINGO, 18H30

Auditório 2

€12,50

JOHN ZORN/FRED FRITH (EUA, RU)

3 AGOSTO, DOMINGO, 21H30

Anfiteatro ao ar livre

€20

MISHA MENGELBERG AFIJN / 80', 2006 FILME DOCUMENTAL DE JELLIE DEKKER E DICK LUCAS

7 AGOSTO, QUINTA, 18H30

Auditório 2

Sessão com a presença dos realizadores

Entrada livre (no limite da disponibilidade da sala)

TAYLOR HO BYNUM SEXTET (EUA)

7 AGOSTO, QUINTA, 21H30

Anfiteatro ao ar livre

€17,5

THE CHANGING SCENE MESA - REDONDA

8 AGOSTO, SEXTA, 15H30

Auditório 3

Moderação de Bill Shoemaker | Participação de Barre Phillips, Joe McPhee, Taylor Ho Bynum, Mary Halvorson
Entrada livre (no limite da disponibilidade da sala)

MEMORIZE THE SKY (EUA)

8 AGOSTO, SEXTA, 18H30

Auditório 2

€12,50

SYLVIE COURVOISIER LONELYVILLE (SUIÇA, FRANÇA, JAPÃO, EUA)

8 AGOSTO, SEXTA, 21H30

Anfiteatro ao ar livre

€17,5

FRITZ HAUSER (SUIÇA)

9 AGOSTO, SÁBADO, 15H30

Auditório 2

€12,50

PASCAL CONTET/BARRE PHILLIPS (FRANÇA, EUA)

9 AGOSTO, SÁBADO, 18H30

Auditório 2

€12,50

PETER BRÖTZMANN CHICAGO TENTET (ALEMANHA, EUA, SUÉCIA, NORUEGA)

9 AGOSTO, SÁBADO, 21H30

Anfiteatro ao ar livre | €20

VISITAS TEMÁTICAS

Não é necessária marcação prévia, excepto onde assinalado.

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

VISITA TEMÁTICA AO MUSEU 5000 ANOS DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURAS

1 JULHO, TERÇA, 15H00

Orientação: Isabel Oliveira e Silva

Sujeito a marcação prévia até 15 dias antes

De 5 a 15 participantes | €4

VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA A EDUCAÇÃO DO PRÍNCIPE OBRAS-PRIMAS DA COLEÇÃO DO MUSEU AGA KHAN

3 JULHO, QUINTA, 15H00

Orientação: Isabel Oliveira e Silva

Para grupos, contactar o Serviço Educativo | €4

VISITA TEMÁTICA AO MUSEU O EGÍPTO FARAÓNICO

5 AGOSTO, TERÇA, 15H00

Orientação: Isabel Oliveira e Silva

Sujeito a marcação prévia até 8 dias antes

De 5 a 15 participantes | €4

CENTRO DE ARTE MODERNA

VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA DRAWING A TENSION OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK

6 JULHO, DOMINGO, 12H00

Orientação: Sílvia Almeida

Entrada livre

VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA DRAWING A TENSION OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK TENSÕES E EQUILÍBRIOS

20 JULHO, DOMINGO, 12H00

Orientação: Sílvia Almeida

Entrada livre

CURSO

AÇÃO DE FORMAÇÃO

PARA GUIAS, TRADUTORES, INTÉRPRETES E ALUNOS DE CURSOS SUPERIORES DE TURISMO ARTE ORIENTAL (1ª E 2ª PARTE)

20 E 22 AGOSTO, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

ARTE EUROPEIA (1ª E 2ª PARTE)

27 E 29 AGOSTO, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

Museu

Marcação até 8 dias antes da data prevista

Nº de participantes: máximo 15

Orientação: Isabel Oliveira e Silva

Contacto: isilva@gulbenkian.pt | 217823456

Entrada livre

PARA OS MAIS NOVOS



PROGRAMAS EDUCATIVOS

NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia tel. 21 782 32 32 | fax 21 782 30 32

educativo.museu@gulbenkian.pt

www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAM

Marcação prévia, de segunda a sexta, 15h às 17h;

tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61

cam-visitas@gulbenkian.pt

OFICINAS E CURSOS NO CAM

Marcação prévia, de segunda a sexta, 10h às 13h00

tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61

cam-visitas@gulbenkian.pt

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

FÉRIAS NO MUSEU: A GRANDE AVENTURA VIAGEM À GRÉCIA

1 A 4, 8 A 11, 15 A 18, 22 A 25 JULHO,

26 A 29 AGOSTO, TERÇA A SEXTA,

10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H00

5 A 7 ANOS | 8 A 10 ANOS | 11 A 12 ANOS

Concepção: Deolinda Cerqueira | Orientação: Ana Ferreira,

Susana Guerreiro, Paula Ribeiro e Filipa Moura

€75 [Módulos de 4 dias inteiros] | Durante o almoço/

piquenique, trazido de casa para aqueles a quem convier,

as crianças serão acompanhadas por técnicos do serviço

educativo: €8 criança/módulo

OUTROS GRUPOS

(Adultos ou crianças, AtI's, grupos familiares, grupos

culturais etc.) Durante o mês de Agosto, o Serviço

Educativo do Museu organiza os seus programas de

acordo com as características específicas de cada grupo

requerente, por grupo etário, objetivos ou

disponibilidade de tempo. Marcação prévia, até 8 dias

antes. Gratuito: AtI's ONGs, IPSEs

€4 [entrada no Museu/pessoa para outros grupos]



CENTRO DE ARTE MODERNA

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA FÁBRICA DE IMAGENS

30 JUNHO A 4 JULHO, 14 A 18 JULHO,
SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

7 A 11 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

4 A 8 AGOSTO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

Concepção e Orientação: Adriana Pardal e Vera Alvelos
€40 [5 sessões]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA MUNDOS INVISÍVEIS

30 JUNHO A 4 JULHO, 28 JULHO A 1 AGOSTO,
SEGUNDA A SEXTA

11 A 14 AGOSTO, SEGUNDA A QUINTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

Concepção e Orientação: Andreia Dias e Carlos Carrilho
€40 [5 sessões] | €32 [4 sessões | 11 a 14 Agosto]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA E SONORA DESENHAR COM OS SONS

30 JUNHO A 4 JULHO, 28 JULHO A 1 AGOSTO,
25 A 29 AGOSTO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

Concepção e Orientação: Simão Costa, Patrícia Craveiro
Lopes, e Susana Anágua | €40 [5 sessões]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA E BIOLOGIA CADERNOS DE CAMPO PARA REGISTAR O TEU ESPANTO

7 A 11 JULHO, SEGUNDA A SEXTA

11 A 14 AGOSTO, SEGUNDA A QUINTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

21 A 25 JULHO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

7 A 11 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

Concepção e Orientação: Patrícia Agostinho e Patrícia Tiago
€40 [5 sessões] | €32 [4 sessões | 11 a 14 Agosto]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA ARQUITECTAR LABIRINTOS

7 A 11 JULHO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

28 JULHO A 1 AGOSTO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

7 A 11 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

11 A 14 AGOSTO, SEGUNDA A QUINTA

4 A 6 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

7 A 11 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

Concepção e Orientação: Dora Batalim e Margarida Botelho
€40 [5 sessões] | €32 [4 sessões | 11 a 14 Agosto]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA E FIGURINOS VESTIDOS DE ARTE

7 A 11 JULHO, 18 A 22 AGOSTO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

7 A 11 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

Concepção e Orientação: Miguel Horta,
Patrícia Craveiro Lopes e Tânia Franco | €40 [5 sessões]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA RETRATOS DE VERÃO

12 E 19 JULHO, 2 E 16 AGOSTO, SÁBADO

10H00 ÀS 12H00 E 15H00 ÀS 17H00

A PARTIR DOS 6 ANOS

Público com necessidades educativas especiais

Concepção e Orientação: Mário Rainha Campos
e Miguel Horta | €3

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA E VISUAL MUSEU PORTÁTIL

14 A 18 JULHO, 18 A 22 AGOSTO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

Concepção e Orientação: Cristina Gameiro
e Mário Rainha Campos | €40 [5 sessões]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA QUANTOS EUS TEM UM MUSEU?

14 A 18 JULHO, 4 A 8 E 25 A 29 AGOSTO,
SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

Concepção e Orientação: Lígia Afonso e Sílvia Moreira
€40 [5 sessões]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA E YOGA A CONTADORA DE HISTÓRIAS

21 A 25 JULHO, 18 A 22 AGOSTO, SEGUNDA A
SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

Concepção e Orientação: Nuno Palha e Sara Inácio
€40 [5 sessões]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA COM QUANTOS FIOS SE FAZ UMA ESCULTURA?

21 A 25 JULHO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

4 A 8 E 25 A 29 AGOSTO, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

7 A 11 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

Concepção e Orientação: Carla Rebelo e Rita Cortez Pinto
€40 [5 sessões]

VIVER OS JARDINS GULBENKIAN

OFICINA LUPAS SENSORIAIS RELEVOS DO JARDIM

12 DE JULHO, SÁBADO, 14H00 ÀS 16H00

Hall da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian

4 AOS 10 ANOS [1 CRIANÇA + 1 ADULTO]

Máximo 10 participantes | €7,5

OFICINA LUPAS SENSORIAIS PARA TE VER MELHOR

26 DE JULHO, SÁBADO, 14H00 ÀS 16H00

Hall da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian

4 AOS 10 ANOS [1 CRIANÇA + 1 ADULTO]

Máximo 10 participantes | €7,5

EXPERIÊNCIAS NO PARAÍSO

Malas de actividades com jogos, histórias e materiais
para experimentar o jardim, seguindo diferentes
mapas/percursos (sem orientador). As malas
são utilizadas pelas famílias e são requisitadas
na livraria da Sede da Fundação.

€5 /mala (máx. de 3 horas)

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

AS CORES DA MÚSICA UM ESPECTÁCULO CRIADO POR CRIANÇAS

17 E 18 JULHO, QUINTA E SEXTA, 19H00 ÀS 20H00
19 JULHO, SÁBADO, 11H00 ÀS 12H00

Auditório 2

Concepção e Orientação: Etienne Lamaison
e Margarida Botelho | Público em geral

Entrada Livre

TAMORES DE LATA - O LIXXO MUSICAL BRUMMING GRUPO DE PERCUSSÃO

25 E 26, SEXTA E SÁBADO, 21H00

Anfiteatro ao ar livre

A PARTIR DOS 3 ANOS

Direcção Musical: Miquel Bernat | €4



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

25^ª
EDIÇÃO

JAZZ EM AGOSTO

1 a 9
AGOSTO 2008

1 SEX
OTOMO
YOSHIHIDE NEW
JAZZ ORCHESTRA
Featuring **MATS GUSTAFSSON,**
AXEL DÖRNER, COR FUHLER
Japão, Alemanha, Suécia,
Países Baixos

2 SÁB
SATOKO FUJII
MIN-YOH
ENSEMBLE
Japão, EUA

3 DOM
PAAP
Japão
JOHN ZORN
FRED FRITH
EUA, Reino Unido

7 QUI
TAYLOR
HO BYNUM
SEXTET
EUA

8 SEX
MEMORIZE
THE SKY
EUA
SYLVIE
COURVOISIER
LONELYVILLE
Suíça, França, Japão, EUA

9 SÁB
FRITZ HAUSER
Suíça
PASCAL CONTET
BARRE PHILLIPS
França, EUA
PETER BRÜTZMANN
CHICAGO TENTET
Alemanha, EUA, Suécia, Noruega

© DASEIN www.dasein.pt



STAR ALLIANCE MEMBERS



www.musica.gulbenkian.pt/jazz

Colaboração Parceiros



Apoio à divulgação

